

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO
CURSO JORNALISMO

Virginia da Silva Witte

Entre fronteiras: o Camboja a partir do voluntariado

Florianópolis

2024

Virginia da Silva Witte

Entre fronteiras: o Camboja a partir do voluntariado

RELATÓRIO TÉCNICO do Trabalho de Conclusão do
Curso de Graduação em Jornalismo do Centro de
Comunicação e Expressão da Universidade Federal
de Santa Catarina como requisito parcial para a
obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.
Disciplina JOR 6803 - Trabalho de Conclusão de
Curso, professora Melina de la Barrera Ayres.
Orientadora: Prof. Dra. Melina de la Barrera Ayres.

Florianópolis

2024

Ficha catalográfica gerada por meio de sistema automatizado gerenciado pela BU/UFSC.

Dados inseridos pelo próprio autor.

Witte, Virginia da Silva

Entre Fronteiras : o Camboja a partir do voluntariado
/ Virginia da Silva Witte ; orientadora, Melina de la
Barrera Ayres, 2024.

81 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Comunicação e Expressão, Graduação em Jornalismo,
Florianópolis, 2024.

Inclui referências.

1. Jornalismo. 2. Podcast. 3. Camboja. 4. Cultura. 5.
Voluntariado. I. Ayres, Melina de la Barrera . II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em
Jornalismo. III. Título.

Virginia da Silva Witte

Entre fronteiras: o Camboja a partir do voluntariado

Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo e aprovado em sua forma final pelo Curso de Jornalismo.

Sala Drummond - CCE, 04 de Julho de 2024.

Profª Drª Valentina da Silva Nunes
Coordenadora do Curso

Banca examinadora

Profª Drª Melina de la Barrera Ayres,
Orientadora
UFSC

Profª Drª Leslie Sedrez Chaves,
Avaliadora
UFSC

Prof. Dr. Fernando Antonio Crocomo
Avaliador
UFSC

Florianópolis, 2024.

Este trabalho é dedicado aos meus avós Lauvyr *in memoriam* e Therezinha.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus pela esperança e força em todo tempo de trabalho ou de desânimo. Por renovar meu ânimo mesmo em meio ao luto que acompanhou a finalização deste trabalho.

Aos meus pais, Alexandre Witte e Carmen Lúcia, que me apoiaram e incentivaram a buscar pela melhor educação, para concluir o Curso de Jornalismo e dedicar o melhor de mim em cada etapa, desde o nervosismo do vestibular até a apresentação do TCC. Aos meus primos Fylipe e Renata Batu por compartilhar cada etapa de perto.

À minha família do coração que me abrigou e sustentou em Florianópolis - as irmãs Maria, Helena e Sandra Neves. À Ana Paula da Costa e Elson Manoel Bernardo, por me receberem como filha por anos. À Beatriz da Costa, que se tornou irmã mais nova e dividiu comigo toda a família e, às vezes, o próprio quarto. À Bianca e Leonardo Port por serem referência e entusiastas do meu crescimento.

Agradeço o Rodrigo Sampaio, que me possibilitou conhecer a Adventist Frontier Mission em 2018, instituição que mediou o voluntariado por um ano e meio no Camboja, tornando o tema deste trabalho possível.

Aos amigos que estiveram comigo no voluntariado e permanecem para a vida: Amy Reyes, Jared Ratclif, Sya Chan, William Geisler, Tamiris Rasquini, Chai Daet, Theoun Sokleng, Narath Boun, Gustavo Prince e Reesa *in memoriam*.

Aos amigos de graduação: Juliana Ferrari, Kauane Lahr, João Wesley, Lethicia Siqueira, Ana Cristina Machado, Maria Eduarda da Silva de Oliveira, por me ensinarem, acompanharem, dividirem vivência e participarem contribuindo com suas perspectivas e revisão deste trabalho.

Aos amigos Leandro Becerra, Thaisy Regina, Christine Saurin que dedicaram tempo, habilidades e sono na edição comigo. Aos colegas e amigos que aceitaram dar suas vozes para as traduções Kauane Lahr, Juscelino Senei Filho, Áureo Moraes, Juarez Silvino Catengue Alberto, Maria Eduarda da Silva de Oliveira, Dalton Barreto,

Klaymara Karen da Silva, Pedro Guerrazzi. E aos técnicos de áudio da Rádio Ponto, Peter Lobo e Roque Bezerra, que estiveram presentes durante toda a graduação e que me ajudaram na finalização deste trabalho. Agradeço também meus entrevistados que me permitiram contar um pouco de suas histórias.

Agradeço pelo apoio e dedicação constante da minha orientadora Melina Ayres, por cada abraço, paciência e motivação para entrega deste trabalho.

Aos membros da banca, Fernando Antonio Crocomo, professor que acompanhou a maior parte das indecisões no direcionamento da pauta, e Leslie Sedrez Chaves, professora com a qual desenvolvi maiores habilidades de rádio jornalísticas, em participar deste momento tão importante da minha formação. É uma honra poder dividir a conclusão dessa jornada com vocês.

À Universidade Federal de Santa Catarina por tornar possível o meu acesso a uma universidade pública, gratuita e de qualidade. Ao sistema de cotas e ao auxílio de permanência estudantil, que tornaram a continuidade e finalização deste trabalho possível.

Se você falar com um homem numa linguagem que ele compreende, isso entra na cabeça dele. Se você falar com ele em sua própria linguagem, você atinge seu coração (MANDELA, 1991).

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo produzir uma série em áudio intitulada *Entre fronteiras*. Para este trabalho foram produzidos dois episódios da temporada *Vivi no Camboja*, que explora o voluntariado no país asiático. O primeiro episódio apresenta diversos aspectos da história, geografia e características culturais do país; aborda, igualmente, as demandas da comunidade, desafios do dia-a-dia e algumas iniciativas dos voluntários. O segundo episódio é em formato de uma mesa redonda com outros quatro brasileiros que trabalharam como voluntários em diferentes países, conversando sobre saúde, alimentação, idioma e adaptação à cultura. Nas produções são acionados documentos, informações históricas, fontes locais, voluntários brasileiros e estrangeiros; em especial, ressalta a experiência pessoal da repórter como mulher, cristã, negra, ao viver um ano e meio trabalhando como professora voluntária no Camboja.

Palavras-chave: Jornalismo; cultura; Camboja; podcast.

ABSTRACT

This Degree Final Project aims to create an audio series entitled *Between borders*. For this work, two episodes of the season *Vivi in Cambodia* were produced, which explores volunteering in the Asian country. The first episode explores the many aspects of the country's history, geography and cultural characteristics; it also addresses the community demands, day-to-day challenges and some of the volunteer initiatives. The second episode is in the format of a round table with four other Brazilians who also worked as volunteers in different countries, talking about health, food, language and adapting to different cultures. The productions feature documents, historical information, local sources, Brazilian and foreign volunteers; in particular, it highlights the reporter's personal experience as a christian, black woman, living a year and a half abroad working as a volunteer teacher in the Asian country Cambodia.

Keywords: Journalism; culture; Cambodia; podcast.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Episódio 1: Vivi no Camboja.....	21
Quadro 2 - Episódio 2: Mesa redonda: Vivi no voluntariado.....	22
Quadro 3 - Fontes consultadas.....	24
Quadro 4 - Cronograma.....	25

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO.....	12
1.2 JUSTIFICATIVA.....	14
1.3 OBJETIVOS.....	18
1.3.1 Objetivo Geral.....	18
1.3.2 Objetivos Específicos.....	18
2 DESENVOLVIMENTO.....	19
2.1 ESTRUTURA.....	21
2.2 FONTES E ENTREVISTAS.....	22
2.3 CRONOGRAMA.....	25
2.4 FORMATO.....	26
2.5 DIVULGAÇÃO E VEICULAÇÃO.....	27
2.6 IDENTIDADE SONORA E VISUAL.....	27
2.7 ORÇAMENTO.....	30
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	34
APÊNDICE A - Roteiro do podcast Entre Fronteiras: Episódio 1.....	39
APÊNDICE B - Roteiro do podcast Entre Fronteiras: Episódio 2.....	57
ANEXO A - Ficha do TCC.....	78
ANEXO B - Declaração de autoria e originalidade.....	80

1 INTRODUÇÃO

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso é um programa rádio-jornalístico no estilo *podcast* intitulado *Entre Fronteiras*, que propõe a abordagem de diversos aspectos culturais de diferentes países a partir da experiência de brasileiros. Neste trabalho, serão apresentados dois episódios piloto da primeira temporada do podcast *Vivi no Camboja*, falando sobre o Reino do Camboja.

Monarquia constitucional sob um regime democrático parlamentarista unitário, tendo Norodom Sihamoni como atual monarca, o país está localizado no sudeste asiático e faz fronteira com Tailândia, Vietnã e Laos. Possui uma população de 15 milhões de habitantes vivendo dentro de um território de 181 mil quilômetros quadrados, que o leva a marca de 68º país mais populoso do mundo. Sua principal fonte econômica é a agricultura, tendo o arroz como marca de produção, consumo e cultura, e se destaca também pela produção de café, mandioca, cana-de-açúcar, chá e pimenta-do-reino.

Abriga a cidade de Angkor Wat, que foi a maior cidade pré-industrial do mundo, e hoje é patrimônio histórico da UNESCO por ser o maior monumento religioso do mundo com 163 hectares. Seu templo foi sede dos Reinos Funan e Chenla, passando como vassalo pela Tailândia e Vietnã, até ser colonizado pela França a partir de 1867, obtendo enfim sua independência em 1953.

Após a Guerra do Vietnã em 1975, o país foi cenário do Khmer Vermelho, um movimento do Partido Comunista do Camboja que, por meio de um golpe de estado, tinha como principal pauta a reforma agrária. A situação resultou num regime ditatorial que levou o país a um genocídio de 2.2 milhões de pessoas, mortas por execuções, fome ou doenças, conforme as investigações apresentadas no tribunal apoiado pela ONU. Esse contexto trouxe extrema pobreza, trabalho forçado e desvalorização da educação, pois o regime buscava de forma equivocada a total igualdade entre a

população; assim, pessoas com um nível de educação superior eram um dos principais alvos de execução.

Atualmente, o PIB do Camboja é de 22.056 milhões de dólares per capita, segundo o Instituto Nacional de Estatísticas (2022). Sua posição a nível mundial é de 108 entre os 190 países analisados pelo Fundo Monetário Internacional em 2020.

A partir dessa realidade que se construiu com muitos traumas, ao longo dos anos iniciativas voluntárias têm se dedicado a promover espaços de educação, profissionalização, empoderamento da comunidade e proteção da natureza. Além destas, há também outras necessidades sociais que o país tem trabalho em parceria com Organizações Não-Governamentais.

As organizações de assistência jurídica no Camboja estão lutando para criar um sistema de justiça a partir de quase nada. O Projeto de Defensores do Camboja, fundado em 1994, concentra-se na defesa criminal e na educação da comunidade em assuntos jurídicos. Colabora com as ONGs para prestar serviços e representar mulheres nos tribunais, especialmente em casos de violência doméstica. Os advogados da organização executam programas de treinamento, comentam projetos de leis e, junto com entidades da sociedade civil, examinam instrumentos para influenciar o governo. A Sociedade de Assistência Jurídica do Camboja procura aumentar a compreensão e respeito à lei por parte do público, ao mesmo tempo em que proporciona serviços gratuitos em processos criminais e civis. E é especialmente atuante na defesa de agricultores que estão sendo desalojados da sua terra por poderosos interesses comerciais (World Bank Document, 2001, p. 139).

Considerando estes pontos, esse trabalho tem como objetivo apresentar o Camboja para brasileiros e falantes da língua portuguesa, idealmente para o público jovem-adulto dos 14 aos 49 anos, que no Brasil somam 7,5% das pessoas que se envolvem em trabalho voluntário, segundo a PNAD Contínua de 2018. O número total de brasileiros que participam ou promovem alguma iniciativa voluntária foi de 6.9 milhões em 2020. Destes, 90,7% atuam por meio de empresas e instituições, sendo 79,6% deles vinculados à congregações religiosas, sindicatos, condomínios, partidos políticos, escolas, hospitais e asilos. Ao todo, 13% dos voluntários atuaram por meio de atividades em associação de moradores, associação esportiva, ou outra organização.

Sendo uma mulher jovem de 26 anos, brasileira, ativa em uma congregação religiosa, a autora deste trabalho se enquadra nestes dados.

Além da importância do voluntariado, este trabalho se justifica pelo seu valor jornalístico. São poucos os brasileiros que conhecem a história do Camboja, muitos sequer sabem onde fica o país. Não é incomum que, ao serem questionados, respondam: “fica na África”. Portanto, esta é uma oportunidade de compartilhar conhecimentos (MEDITSCH, 1997, p. 10).

Desta forma, este trabalho abre a possibilidade de unir a experiência da autora com o voluntariado à prática e aos conteúdos aprendidos em sala de aula na universidade.

1.2 JUSTIFICATIVA

Minha decisão de investir um ano e meio como voluntária em algum país do globo começou a tomar forma em 2018, após uma conferência de jovens adventistas em Curitiba. O incentivo foi feito pela liderança do evento e com apoio de amigos o interesse foi crescendo, pois meu envolvimento com ações sociais já existia desde 2010 com participação em feiras de saúde, campanhas de arrecadação de alimentos e escola de férias com crianças em diferentes comunidades.

Inicialmente, mesmo com o processo da viagem encaminhado para acontecer, ainda pensava em desenvolver outra temática neste trabalho. Entretanto, já tinha escolhido a professora Melina para ser minha orientadora. Em algum de nossos encontros em 2021, antes de embarcar, compartilhei com ela as ideias que tinha para direcionar o projeto para quando voltasse do Camboja. A conversa foi por um caminho diferente quando ela me perguntou: “você está indo para o Camboja, e não vai falar sobre isso?”. E nessa conversa vieram algumas objeções da minha parte.

A modalidade de envio de voluntários pela Adventist Frontier Mission (AFM) acontece após uma seleção, direcionamento de qual país e então a arrecadação dos fundos para documentação, passagens, estipêndio e seguro de vida durante os meses

no país. A arrecadação dos recursos que custeiam todos estes gastos é realizada por iniciativa do voluntário, entrando em contato com doadores, apresentando o projeto para então receber a contribuição. Arrecadei um valor aproximado de R\$ 70 mil para os 17 meses que morei no Camboja (sendo a primeira vez durante 11 meses entre agosto de 2021 e 2022, e uma segunda vez durante 6 meses entre janeiro e agosto de 2023), contando com a contribuição de mais 100 pessoas, no Brasil e Estados Unidos, que doaram um valor pontual ou mensalmente.

De forma inicial minha visão era de que seria errado ou antiético usar minha vivência para produzir este Trabalho de Conclusão de Curso, considerando que foram todas essas pessoas que possibilitaram minha ida e permanência no país. Imaginava que as pessoas que doaram um valor destinado para um projeto social poderiam me ver como se eu estivesse tirando proveito disso para um benefício pessoal.

Entretanto, a mobilização de tantas pessoas neste trabalho tem um propósito que se expande. Minha vida de forma pessoal e profissional foi transformada a partir dessa possibilidade de trabalhar voluntariamente em um país que muitos não conhecem no Brasil, e que quando a mídia aborda, é de forma estereotipada e/ou num viés minorizado. Assim, entendi que o desenvolvimento deste trabalho com este tema é uma maneira de valorizar o privilégio que tive, transformando-o em uma responsabilidade de apresentar o país cambojano com uma visão nova, diferente e de valorização da cultura local.

Sobre as experiências das ações de voluntariado, Spink cita:

[...] essas experiências se propõem a ampliar a cidadania por meio da prestação de serviços e do acesso de grupos sociais antes excluídos, seguindo enfoques que parecem transpor a doutrina de partidos políticos e têm uma perspectiva interorganizacional, que envolve outros atores e organizações além das públicas, criando espaços de voluntariado e participação. Essas ações também propiciam a mobilização de recursos e interesses, quebrando a complexa engenharia institucional do aparelho estatal e privilegiando ligações mais diretas em decorrência de oportunidades e demandas levantadas (apud ESCOBAR, 2017, p. 6).

Na pesquisa realizada pela World Giving Index 2021, 3 bilhões de pessoas ajudaram alguém desconhecido durante a pandemia de Covid-19. Globalmente quase

1/5 dos adultos é voluntário. O país mais bem colocado em pesquisas sobre doação de tempo e recursos para causas sociais é a Indonésia e assim a região do mundo que vem crescendo nos índices é a Ásia, com o Sri Lanka tendo a maior taxa de voluntariado no mundo. Entretanto o Japão ocupou o último lugar do WGI, assumindo a posição de país menos generoso do mundo.

O Brasil subiu 14 posições desde as pesquisas de 2018, sendo em 2022 o 54º entre os 114 países entrevistados e subiu 20 posições em relação a sua marca média nos últimos 10 anos. O perfil de envolvimento foi medido como 63% das pessoas ajudaram uma pessoa desconhecida, 26% doaram dinheiro para causas sociais e 15% trabalhou de forma voluntária.

Todas estas mudanças de posições de país envolvidos com ações voluntárias, se deu também pelo declínio de outros países que historicamente estão no top 10 das pesquisas - Estados Unidos, Reino Unido, Canadá, Irlanda e Países Baixos. A WGI relaciona este acontecimento devido ao lockdown e crescimento de pessoas em situação de vulnerabilidade.

A escassez de dados atualizados sobre o tema também é um ponto relevante a ser trabalhado na continuidade deste produto, tanto para apresentar os dados existentes que muitas vezes são desconhecidos, como contribuir para a apuração e estruturação de informações sobre voluntariado atuais e contextualizados.

Assim ao longo do primeiro episódio da temporada chamada *Vivi no Camboja* apresento a vivência de voluntários e de cambojanos com os quais pude me aproximar trabalhando no Projeto Pnong da AFM na com a escola Christensen Primary School, cidade de Sean Monorom desde 2007, província de Mondulkiri e o impacto social que cada iniciativa social tem sob a comunidade.

A escolha pelo formato podcast se deve ao fato de permitir “uma experiência auditiva que pode ser acessada onde, como e quando o ouvinte quiser” (Bontempo, 2021). Além disso, em virtude dos vários momentos como voluntária, em específico nas viagens, eu mesma busco informações a partir de podcasts, por ter desenvolvido na infância o hábito de ouvir programas de rádio.

Seja em plataformas de áudio ou em sites de busca, ao pesquisar a frase “jornalismo camboja”, a sequência das informações será: *Como a indústria da moda alimenta trabalho escravo na Ásia* (G1), *Tráfico de brasileiros* (Metrópoles), *Participante do Khmer Rouge morre* (UOL) e qualquer outro acontecimento relacionado a natureza. Para os brasileiros que quando ouvem do Camboja, pensam que ele é um país na África, notícias como estas reforçam um estereótipo, sem de fato apresentar o país e suas inúmeras camadas contribuindo para construção de um imaginário limitado, de um país perigoso.

Estas notícias de fato trazem informação, seguem o padrão jornalístico e trazem a informação conforme os critérios de noticiabilidade, levando em conta que são tópicos que apresentam a morte; a notoriedade; a relevância; a novidade (ALMEIDA, 2017). Para Wolf,

valores-notícia são critérios de relevância difundidos ao longo de todo o processo de produção e estão presentes tanto na seleção das notícias como também permeiam os procedimentos posteriores, porém com importância diferente” (apud. SILVA. 2005, p.99).

Entretanto, a recorrência dos mesmos assuntos e a escassez de conteúdos diversificados em português, reduz a possibilidade de aproximação e curiosidade do público a respeito do país.

Além do ineditismo, valores como significância (relevante e com proximidade cultural); consonância (novo acontecimento com uma velha narrativa); referência a pessoas (GALTUNG e RUGE, 1999, p. 71. apud ALMEIDA, 2017, p.4), são norteadores deste trabalho. Abordar o tema por meio do valor proximidade, não faria sentido por não ser um assunto do dia a dia e por se tratar de um país geograficamente longe, de cultura drasticamente diferente das brasileiras. Assim, trabalhar o tópico significância faz sentido, uma vez que termos brasileiros vivendo nessa realidade permite o ouvinte a se imaginar em determinadas situações e se identificar com os desafios compartilhados, assim se vê próximo não da cultura que está sendo apresentada, mas de quem a conta.

Tendo estes aspectos em perspectiva, o desenvolvimento deste trabalho apresenta um assunto inédito dentro da graduação em Jornalismo. Em busca no repositório da UFSC, apenas nove Trabalhos de Conclusão de Curso trouxeram o Camboja em suas descrições. Entre os assuntos abordados estão a economia e as relações internacionais. O trabalho mais recente foi apresentado em 2013. No repositório há, ainda, trabalhos nas graduações de Serviço Social, com tema de violência doméstica, e na Matemática, considerando a influência da Ásia nos algarismos. Nenhum deles traz o Camboja como assunto principal de sua análise.

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Objetivo Geral

O objetivo geral deste trabalho é apresentar por meio de dois episódios em áudio a história e a cultura do Camboja e abordar as vivências dos entrevistados a partir do voluntariado.

1.3.2 Objetivos Específicos

Quanto aos objetivos específicos deste trabalho, destacam-se os seguintes:

1. Apresentar o Camboja para brasileiros/falantes da língua portuguesa, idealmente para o público jovem-adulto dos 14 aos 49 anos;
2. Entrevistar voluntários que trabalharam no Camboja;
3. Entrevistar pessoas que fizeram voluntariado em outros países;
4. Entrevistar especialistas sobre a história do Camboja e iniciativas voluntárias no país;
5. Elaborar dois roteiros em áudio: um para abordar a história de genocídio que o país enfrentou após a Guerra do Vietnam e a política recente do país. Apresentar iniciativas educacionais voluntárias, a vivência de voluntários no país e a cultura. E em um segundo, no formato de mesa

redonda para discutir sobre a adaptação com idioma, alimentação, necessidade médica como estrangeiros e demais vivências;

6. Traduzir as entrevistas feitas em inglês;
7. Editar dois programas de áudio com tempo médio de um mês.

2 DESENVOLVIMENTO

O processo de produção dos episódios do Entre Fronteiras, foi iniciado na disciplina de Planejamento de TCC, enquanto estava no Camboja em 2021.2, durante a retomada das atividades por conta da pandemia de Covid-19 que assolava o mundo. Essa etapa foi possível uma vez que a Universidade Federal de Santa Catarina passou a utilizar a modalidade de aulas à distância, como forma de assegurar o distanciamento social.

Mensalmente, minha orientadora e eu nos reunimos por chamadas de vídeo para pensar e elaborar a melhor abordagem do tema. Considerando minha proximidade ao longo do curso e afinidade com as reportagens em vídeo, foi nossa primeira opção como formato. Guardei dinheiro durante todo o primeiro ano para investir em um celular com uma câmera melhor, em busca de um bom resultado na captura.

A compra foi bem sucedida, e durante os primeiros 6 meses de 2023 fiz as entrevistas e captura de imagens de cobertura no Camboja em vídeo. Entretanto, por conta das atividades e rotina que tinha como voluntária, não consegui material suficiente em vídeo para sustentar um documentário em vídeo. Dessa forma, ao voltar ao Brasil e retomar os encontros de orientação, ajustamos o material para áudio, uma vez que a captação dos áudios das entrevistas realizadas tinha qualidade.

Mesmo com o formato sendo simples de adaptar, parte do desenvolvimento foi desafiadora de forma pessoal. Ao retornar ao Brasil em agosto de 2023, passei por alguns desafios: o choque cultural, o fato de não ter casa em Florianópolis, ter que dormir na casa de amigos por algumas semanas; não ter estágio, e portanto, não ter renda, dificultaram o andamento do projeto no segundo semestre de 2023.

A despeito de todos esses choques pessoais, ainda processava o fato de meus avós, ambos com Alzheimer, estarem perdendo sua vitalidade. Meu avô com diferentes internações e se tornando dependente em todas suas necessidades básicas, vindo infelizmente a falecer na semana de entrega deste trabalho. Visitar minha avó tendo sempre na expectativa dela ainda lembrar meu nome, não foi uma experiência fácil. Felizmente pude contar com a compreensão e suporte da minha orientadora, em cada uma dessas baixas emocionais, que impactam diretamente a produção deste produto.

Diante de todo o contexto, precisei sentar a avaliar todo o material que tinha em mãos e pensar uma forma de construir uma narrativa que alcance meu objetivo de compartilhar a experiência vivida no Camboja. A intenção então foi elaborar roteiros para quatro episódios, que finalmente se materializam em dois episódios.

A escolha de conteúdo de áudio, se assemelha a um podcast, onde juntei dois formatos conhecidos, o “solo” e o “storytelling não ficcional”. Ambos estão descritos no livro Podcast Descomplicado do publicitário Renato Bontempo (2021).

No podcast solo, Bontempo explica que é necessário ter um conhecimento sobre o assunto do podcast, e como estes dois episódios falam da minha vivência, nada mais justo eu ser apresentadora. Já no formato “storytelling não ficcional”, como o próprio nome diz, conta histórias verídicas. Neste formato, há ‘um roteiro mais elaborado, pesquisa, e muita preparação, envolvendo clipes de áudio de diferentes entrevistas em conjunto com narrações’, além de outros efeitos sonoros como som ambiente, trechos de programas.

2.1 ESTRUTURA

Para organizar as informações e as fontes a serem acionadas, criamos uma tabela para cada um dos episódios. Esta sistematização guiou a construção dos roteiros.

Quadro 1 - Episódio 1: Vivi no Camboja

Tema	Descrição	Observação/Fontes
Chegamos ao Camboja	- Como cheguei no país - Localização - Atividades realizadas - Apresentação	Esse “bloco” seria mais curto, mantendo a abertura que já foi desenvolvida.
Contexto Histórico	- Khmer vermelho - Disputa política atual - ONU - Relato breve do historiador	Fontes: - TEDed [Locução da tradução: Kauane] - Sophal Ear [Locução da tradução: Juscelino] - Emiliano Unzer - Hum Sen [Locução da tradução: Áureo] - ONU [Locução: Juarez]
Educação e Voluntariado	- Proximidade com comunidade - Iniciativas voluntárias - Aprendizado do idioma	- Amy [Locução da tradução: Madu] - Sya [Locução da Tradução: Klaymara] - Moli - Robson - Mark [Locução da tradução: Dalton]
Cultura	Alimentação, dinheiro e religião	- Jared [Locução da tradução - Pedro] - Aline Alves Barbosa
Créditos	Locução Tradução Entrevistados Edição Técnica Orientação	

Fonte: Da autora (2024)

Quadro 2 - Episódio 2: Mesa redonda: Vivi no voluntariado

Tema	Tópicos abordados	Participantes
Apresentação individual	Itens pessoais que qualificam a participação de cada convidado	Juliana Ferrari Gustavo Ferelli Ester Rocha Caio Godoi
Idioma	Os primeiros momentos de interação no idioma local e o processo de aprendizado	Juliana Ferrari Gustavo Ferelli Ester Rocha Caio Godoi
Alimentação	Pratos tradicionais, refeições diferentes e dilemas na adaptação	Juliana Ferrari Gustavo Ferelli Ester Rocha Caio Godoi
Saúde	Problemas de saúde e o acesso à saúde como estrangeiro	Juliana Ferrari Gustavo Ferelli Ester Rocha Caio Godoi

Fonte: Da autora (2024)

2.2 FONTES E ENTREVISTAS

Considerando o público e o formato do programa e visando apresentar a cultura e os aspectos sociais que impactam diretamente no trabalho voluntário, para a apuração utilizei a pesquisa, audiovisual (documentários e vídeos de pessoas que vivem, viveram e estudaram o Camboja) e entrevistas jornalísticas.

O primeiro contato foi com os voluntários que estavam no projeto Pnong, atuais voluntários em Sean Monourom e outras cidades, líderes e alunos cambojanos. Em entrevistas presenciais foram ao todo sete fontes entrevistadas - os nomes em itálico constam no produto final, e em tabela abaixo constam mais informações pessoais de cada entrevistado: *Amy Reyes* (El Salvador/EUA), *Solange* (Equador) e *Cristian Jaras* (Argentina), *Gustavo Prince* (Brasil), *Yonathan Suarez*, *Jared Ratcliff* (EUA) - todos voluntários a partir da AFM. *Siya Chan* (Camboja), aluna da escola estabelecida pelos

voluntários.

Dez pessoas foram entrevistadas de forma remota através da plataforma Google Meet: Verônica e Jhonatan Nicholades (EUA), Ellen Candida, Tamiris Rasquini, William Geisler (Brasil), Deon e René Theunissen (África do Sul) - voluntários da AFM. Aline Alves, Robson Barbosa (Brasil), Rebeca Barbosa (Camboja) - família de brasileiros, voluntários pela ICF. Wendy O'Brien e Jackson Dunn (Austrália) voluntários da instituição Heart Print. Entre as fontes especialistas sobre voluntariado denominacional consegui contato com Laurence Burn (África do Sul) professor de teologia, treinador dos voluntários da AFM e líder dos projetos da organização no Camboja. Aline Piologro (Brasil), formada em contabilidade e antropologia, foi voluntária por dois anos no Camboja, atualmente treina voluntários para projetos da Igreja Adventista do Sétimo dia em diversos países. Para abordar o tópico da história e contexto político do país, estive em contato com Emiliano Unzer (Brasil).

Ainda busquei por fontes das áreas da Antropologia e Relações Internacionais, entretanto, os poucos profissionais que encontrei em universidades públicas e privadas que têm especialização sobre Ásia, não tiveram disponibilidade durante o período de entrevistas. Deste modo, devido ao tempo de produção, precisei tomar a decisão de escolher fontes com participação estratégica como o propósito final, considerando o produto como um todo.

Esta situação pode ser ilustrada com um trecho do Novo Manual da Redação da Folha de S. Paulo (1996) que cita Fábio Henrique Pereira:

O segredo de uma boa entrevista está na elaboração de um bom roteiro. Levante sempre o máximo de informações sobre o entrevistado e o tema de que ele vai falar. Com esse material em mãos, reflita sobre o objetivo a que pretende chegar. O melhor caminho é redigir perguntas tão específicas quanto possível. Perguntas muito genéricas resultam em entrevistas tediosas (apud. PEREIRA, 2017, p.4).

Como fontes documentais, utilizei trechos do TED educacional - Ugly History: The Khmer Rouge murders, por Timothy Williams (2022). TEDx de Sophal Ear no Youtube (2009) sobre sua trajetória de sobrevivência ao Khmer Vermelho, e parte de

entrevista em texto dada por Hum Sen e uma fala de um dirigente da ONU, à agência Agência de Notícias France Press (2023).

Para o segundo episódio conversei com pessoas que já atuaram pela AFM - Ester Rocha e Gustavo Ferelli; Serviço Voluntário Adventista (SVA) - Caio Godoi; e Associação Internacional de Estudantes de Economia e Ciências Comerciais (AIESEC) - Juliana Ferrari, em outros lugares do mundo, em entrevistas realizadas de forma virtual, na modalidade de mesa redonda ao vivo. Para este episódio ainda tivemos uma segunda gravação além da apresentada na conclusão do trabalho.

Entretanto, como as duas mesas renderam mais de uma hora cada de gravação, optamos por editar a mesa que abordou mais tópicos em comum com o primeiro episódio. Planejamos assim dar continuidade à temporada com os materiais gravados para ambos episódios e não utilizados.

As fontes entrevistadas estão relacionadas na tabela a seguir:

Quadro 3 - Fontes consultadas

Fonte	Mini currículo
Amy Reyes, 27 anos, americana	Professora formada pela Southwestern Adventist University - Texas, EUA. Trabalhou como voluntária na Christensen Adventist School no Camboja durante dois anos, 2021.2-2023.1
Aline Alves Barbosa, 42 anos, brasileira	Bacharel em Teologia e Missiologia. Chegou no Camboja trabalhando com crianças e adolescentes em orfanatos do país. Atualmente é resource networker na ICF, na sede Ásia.
Emiliano Unzer, 47 anos, brasileiro	Atualmente é professor associado no Departamento de História da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Tem pesquisado e publicado artigos, livros, e organizado aulas e palestras na área de História da Ásia

Jared Ratcliff, 22 anos, americano	Estudante de teologia na Weimar University - Califórnia, EUA. Trabalhou na Christensen Adventist School, como voluntário por 3 anos no Camboja, 2020.2-2023.2.
Moli Net, 36 anos, cambojana	Aluna cambojana das aulas de inglês na Christensen Adventist School. Trabalha como vendedora numa das maiores empresas telefônicas da cidade.
Mark Bouman, 64 anos, americano	Engenheiro eletricista, trabalha no Camboja desde 2019 com crianças em orfanatos e iniciou o projeto da escola flutuante em comunidade ribeirinha com sua família.
Robson Barbosa, 43 anos, brasileiro	Formado em Fisioterapia e bacharel em Teologia. Na International Christian Fellowship trabalha como Kids church resource leader. Iniciou suas atividades no Camboja em 2008, como voluntário em um orfanato. Atualmente produz vídeos para o YouTube, ensinando o idioma Khmer para brasileiros e vídeos contando histórias com princípios bíblicos.
Siya Chan, 32 anos, cambojana	Aluna cambojana das aulas de inglês na Christensen Adventist School. Trabalha como gerente em um dos maiores bancos da cidade.

Fonte: Da autora (2024)

2.3 CRONOGRAMA

Quadro 4 - Cronograma

Mês/Ano	Atividade desenvolvida
MAR/22	Desenvolvimento do projeto de TCC, com a busca por referências teóricas, formato e pauta a ser desenvolvida.
AGO/22	Estrutura dos episódios, tópicos a serem explorados de forma mais específica.
JUN/23	Entrevistas presenciais com voluntários no Camboja; captação de vídeos da rotina e pontos chave a serem explorados no trabalho.
SET/23	Mudança de formato; Início das entrevistas à distância com fontes

	selecionadas.
OUT/23	Gravação da mesa redonda.
NOV/23	Desenvolvimento dos roteiros; Decupagem de entrevistas.
DEZ/23	Menção I
MAR/24	Desenvolvimento do roteiro ep1.
ABR/24	Gravação das traduções; Locução do ep1.
MAI/24	Roteiro do ep 2 - mesa redonda; ajustes de locução.
JUN/24	Edição dos 2 episódios, desenvolvimento do relatório de TCC.

Fonte: Da autora (2024)

2.4 FORMATO

Considerando a imersão cultural e social que este trabalho se propõe a fazer, a escolha do formato acontece considerando apresentar o Camboja e o voluntariado através de um formato jornalístico atual e contextualizado para alcançar o público jovem. Ao se tratar de voluntariado e produção em áudio na internet para jovens, optar por um produto de fácil busca, consumo e compartilhamento, se torna essencial levando em conta a população jovem do Brasil. De acordo com o relatório DataReportal, de 2023, o Brasil é o país que mais consome conteúdo por podcasts no mundo, com 42.9% de usuários de internet, com idade entre 16 e 64 anos, que escutam podcast toda semana (AVIS, 2023).

Outro fator que foi considerado na escolha deste formato, se deve a “escuta ativa”, uma característica forte nas mídias de áudio, em específico nos podcasts.

Você escolheu ouvir aquele conteúdo, talvez pelo humor do seu dia, ou pelo formato, ou pelo assunto do podcast. O importante é que foi algo pensado. Essa consciência da escolha é o que diferencia o podcast, não é apenas um som fundo, é uma experiência escolhida (BONTEMPO, 2021, p.22).

Para Mario Kaplún (1978; 2017), o rádio não representa simplesmente um veículo midiático, mas um instrumento com imensas potencialidades quantitativas e qualitativas educativas e culturais. Por compartilhar dessa compreensão, o formato escolhido para a realização deste projeto é a grande reportagem radiofônica, considerada por Kaplún uma monografia radiofônica, que permite a abordagem aprofundada do tema escolhido e delimitado.

Um programa de reportagem radiofônica trata de um tema em cada emissão, o qual é abordado com certa profundidade, considerando seus diversos aspectos e pontos de vista. Utiliza para isso uma variada gama de técnicas e recursos auditivos: vozes diferentes - de estúdio ou de exteriores-, seja em exposição direta, seja em forma de entrevista ou debates; sons, músicas, etc. Junto com o radioteatro, pode-se dizer considerar a reportagem radiofônica como o formato com maior eficácia do ponto de vista educativo; aquele que mais pode contribuir para ampliar os horizontes e a visão do ouvinte adulto (apud. CLASEN. KAPLÚN; MEDITSCH; GOBBI, 2017, p. 285).

2.5 DIVULGAÇÃO E VEICULAÇÃO

Além de estar disponível no repositório da Biblioteca Universitária da UFSC, o trabalho fará parte do acervo de produções da Rádio Ponto UFSC, web emissora do Departamento de Jornalismo da UFSC (JOR/UFSC), garantido o acesso pelo site <http://radioponto.sites.ufsc.br/sitenovo/>.

Também farei a publicação do trabalho no canal Entre Fronteiras no Youtube, para ser adicionado ao meu portfólio, trazendo uma forma de viabilizar o acesso e divulgar o produto aos entrevistados e fomentar o interesse pelo tema em canais onde viagens e cultura são pesquisados.

2.6 IDENTIDADE SONORA E VISUAL

O desenvolvimento da vinheta da temporada *Vivi no Camboja*, foi pensada tendo como referência os trabalhos desenvolvidos no Youtube por Johnny Harris, cineasta norte americano e jornalista independente, que utiliza a mescla da locução de

notícias e sons que remetem ao tema que será abordado e suas produções. Buscamos por uma vinheta simples, que acompanhe a produção geral dos episódios, trazendo elementos culturais e históricos, com alguns áudios gravados durante o período de voluntariado.

O primeiro áudio em khmer, é da moto que passa diariamente vendendo pães, o segundo áudio em khmer é das crianças na sala de aula recitando o alfabeto. Trouxemos um trecho de um jornalista comentando sobre o julgamento de pessoas envolvidas em execuções durante o Khmer Vermelho, e uma frase de Leandro Karnal numa palestra sobre voluntariado. Demais sons e efeitos, comuns na rotina cambojana, foram inseridos atribuídos para ambientar o ouvinte a sons comuns na rotina cambojana.

O processo de criação foi feito a distância, com a edição de Leandro Becerra, formado em Rádio e TV pela Universidade Adventista de São Paulo (UNASP). Atualmente Leandro trabalha como voluntário na Albânia, dessa forma nossos encontros foram online com uma diferença de fuso horário de 5 horas. A gravação e locução foram feitas no estúdio, que faz parte do projeto, localizado em Tirana, AL. A voz para as vinhetas dos dois episódios é de Lorrane Oliveira, formada em Arquitetura e Urbanismo pelo UNASP, casada com Leandro, que trabalha como voluntária em construções do projeto no país.

No que diz respeito à imagem criada para ser utilizada como capa do trabalho e ícone do podcast nas plataformas digitais, foi desenvolvida a partir de referências culturais, as quais estive exposta ao longo do período de voluntariado. O desenho representa a cidade, Sean Monourom, onde morei por um ano e meio, faz referência a diversidade das frutas na feira, como o templo Ankor Wat, símbolo emblemático do país, maior ponto turístico, referência na bandeira do Camboja e maior estrutura religiosa construída no mundo.

Optei pela ilustradora Yasmim Sampaio, que trabalha de forma independente com o Studio Tutto. Os traços e a paleta de cores da artista são os pontos que acredito gerarem identificação com o público que tenho como alvo. Da mesma forma que se

relaciona bem com a temática de viagem, cultura e podcast, por serem cores vivas e alegres como o verde, o dourado e o rosa. A escolha de selo postal, surge do objetivo de dar continuidade a esse projeto, trazendo outros destinos e histórias de voluntariado para serem apresentados no programa.

Considerando as plataformas online de comunicação, a possibilidade de atrair o ouvinte com uma arte, antes de ouvir o produto, é uma maneira de cativar, tendo em vista a quantidade de opções disponíveis. O Spotify trabalha com podcasts desde 2018 com uma série de aquisições e atualmente tem 3,2 milhões de podcasts em sua plataforma (REUTERS, 2021).

Figura 1 - Capa para plataformas digitais



Fonte: Sampaio (2024)

2.7 ORÇAMENTO

A gravação das entrevistas foram feitas, parte externas no Camboja, parte online no Brasil. As entrevistas externas utilizaram o notebook, lapela e sistema de gravação disponíveis na escola em que trabalhei. Para as entrevistas online, algumas foram feitas em casa com meu computador e gravadas com o OBS Studio, e outras aconteceram na estrutura dos estúdios da UFSC.

Na tabela apresento os valores gastos durante o ano de trabalho no Camboja em dólar, por ser a moeda em que recebemos mensalmente a por meio da ajuda de custos como voluntários pela AFM. O valor apresentado está seguindo a conversão do dólar no dia 20 de junho de 2024, quinta-feira. Separei os gastos nomeados graduanda, pois foram os que de fato desembolsei, ou que gerenciei a partir do estipêndio recebido, mesmo que estes ainda tenham vindo da arrecadação feita inicialmente. Os gastos em que a fonte foram os doadores, são os valores que não precisei gerenciar sozinha. A apresentação dos gastos desembolsados estando no Brasil estão com o valor em reais.

Os custos de trabalho de produção, edição e vinheta dos dois episódios, foram tidos com base na tabela de freela do Sindicato de Jornalistas de Minas Gerais (SJPMG). A escolha se deu uma vez que a pesquisa feita no site do Sindicato dos Jornalistas de Santa Catarina, tem erro ao abrir o link para a tabela. Uma segunda busca no Sindicato dos Jornalistas do Paraná, me dava acesso a um link de atualização de valores referente ao ano de 2004. Os valores apresentados consideram uma ida ao Camboja durante um mês de trabalho in loco, e um mês de trabalho no Brasil.

Tabela 1 - Orçamento

Item / Contratação	Descrição	Fonte - graduanda	Fonte - doadores	Valor total
Passagens	Ida e Volta		Doadores: US\$ 2.700, na cotação do dia 20 de junho de 2024	R\$ 15.000

Passaporte	No Brasil	R\$ 257,25	R\$ 257
Visto Camboja	Na chegada ao país	US\$ 30	R\$ 162
Seguro Viagem	VisitorsCoverage - 30 dias	US\$ 32	R\$ 173
Taxa de quarentena	15 dias obrigatórios em hotel direcionado pelo país	US\$ 2000	R\$ 10.800
Hospedagem Capital	Grand Elevation Hotel, no app Agoda, café da manhã incluso - 1 semana	R\$ 82 / diária	R\$ 574
Hospedagem Sean Monourom	Avocado Homestay, no app Agoda - 2 semanas	R\$ 60 / diária	R\$ 840
Hospedagem Siem Riep	Homestay no Booking - 1 semana	R\$ 34 / diária	R\$ 238
Alimentação	Média diária de refeições locais em restaurante, café da manhã, almoço e jantar. com drinks semanais inclusos.	US\$ 88 / semana	R\$ 1.910
Transporte da capital para Sean Monourom	Ônibus direto, cama compartilhada.	US\$ 12	R\$ 65
Transporte de Sean Monourom para Siem Riep	Van direta, banco regular.	US\$ 18	R\$ 97
Internet	Dados móveis no Camboja (1 mês) + wi-fi durante edição VIVO (2 meses)	US\$ 8 R\$ 120	R\$ 164
Celular	Iphone 11 pro max - 256gb, usado	US\$ 600	R\$ 3.255
Notebook	Asus - utilizado enquanto estava no Camboja	US\$ 419	R\$ 2.273
Notebook	Acer, CORE i3, 2018	R\$ 2.800	R\$ 2.800
Lapela	Sem fio, nova	R\$ 40	R\$ 40
Adobe Audition	Mensalidade	R\$ 86	R\$ 172
CapCut	Editor de áudio - gratuito		R\$ 0

OBS Studio	Gravador de áudio - gratuito		R\$ 0
Epidemic Sound - efeitos sonoros	Mensalidade - Uso durante 1 mês	R\$ 59	R\$ 59
Produção e Edição de reportagem especial - áudio (EP1)	Baseado na tabela de free-lance do SJPMG	R\$ 728	R\$ 728
Produção e edição podcast 1h (EP2)	Baseado na tabela de free-lance do SJPMG	R\$ 1.400	R\$ 1.400
Vinheta	Baseado na tabela de free-lance do SJPMG	R\$ 462	R\$ 462
Identidade Visual	Arte de selo, e estampa desenvolvida pelo Studio Tutto	R\$ 150	R\$ 150
Luz e Energia	Mensal	R\$ 90	R\$ 180
TOTAL			R\$ 41.799

Fonte: Da autora (2024)

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desenvolver este trabalho é a conclusão de um sonho, o qual não acreditei ser possível. Uma das minhas primeiras palestras de abertura do Curso de Jornalismo, foi com o jornalista Felipe Santana. Ele comentava sobre o desenvolvimento de seu TCC com apuração em outro país, e fiquei maravilhada com essa possibilidade, mas parecia muito distante. O objetivo de ter a experiência de intercâmbio, possibilitada pelas oportunidades oferecidas pela UFSC, me fez buscar por tornar esse desejo realidade.

Os meios foram bem diferentes do que um intercâmbio, e tornaram este trabalho não apenas a entrega de um projeto, mas uma realização pessoal. Acreditei naquele sonho de produzir um Trabalho de Conclusão de Curso com apuração internacional, mesmo vendo inúmeros obstáculos. A arrecadação dos custos, o preparo de documentações, todos os exames médicos necessários pré-viagem, o aperfeiçoamento do inglês para sobrevivência durante as viagens e o período na Ásia.

Estando lá lidei ainda com a saudade da família, os desafios com voluntários de diferentes culturas, ficar enjoada com a comida local no segundo ano, quedas de moto no Camboja e no Vietnã. Uma vivência que este trabalho permite ser compartilhada, registrada e espero que contribua para a vida de pessoas que virão a tomar a escolha de serem voluntários em outros países.

Como aluna de Jornalismo, essa produção me emancipa das comparações e inseguranças tão frequentes durante a graduação. Me vejo grata por cada professor e professora que ensinou para além da sala de aula, com técnicas, conhecimento e ética que conduziram esta produção.

De forma pessoal é indescritível a transformação pessoal e profissional após este período único vivido na minha juventude, o que me põe em responsabilidade de continuar contando a história deste país e apresentar tópicos sociais, qualificada com o papel de jornalista de levar informação e contribuir na formação de consciência social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Bruna Andrade de. **SELEÇÃO DA NOTÍCIA: SISTEMATIZANDO CRITÉRIOS**. III Interprogramas. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade Católica de Brasília. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/AIS/article/download/9192/5518>. Acesso: 20 jun. 2024.

AVIS, Maria Carolina. **Brasil é o país que mais consome podcast no mundo**. CNU, 27 abr. 2023. Disponível em: <https://www.uninter.com/noticias/brasil-e-o-pais-que-mais-consome-podcast-no-mundo#:~:text=%C3%89%20o%20que%20mostra%20o,que%20escutam%20podcast%20toda%20semana>.

BARCELOS, Bruno. **5 pesquisas sobre doação e voluntariado e seus principais resultados**. Voluntariado Empresarial, [S. l.], p. 1-2, 15 jan. 2021. Disponível em: <https://voluntariadoempresarial.com.br/6-pesquisas-sobre-doacao-e-voluntariado-e-seus-resultados/#:~:text=Em%20todo%20o%20mundo%2C%20de%20Doa%C3%A7%C3%B5es%20s%C3%A3o%20da%20%C3%81sia>. Acesso em: 13 mar. 2022.

BANCO INTERNACIONAL DE RECONSTRUÇÃO E DESENVOLVIMENTO - BANCO MUNDIAL. **Relatório sobre o desenvolvimento mundial 2000/2001: Luta contra a pobreza**. 1. ed. Estados Unidos da América: [s. n.], 2000. Disponível em: <https://documents1.worldbank.org/curated/fr/927161468164645652/pdf/226840PORTUGUE1za20001200101PUBLIC1.pdf>

BANDEIRA, Ana Maria. BARBEDO, Patrícia. **O voluntariado como instrumento de desenvolvimento social e econômico**. ISCAP, Instituto Politécnico do Porto, 2014. Disponível em: <https://recipp.ipp.pt/handle/10400.22/5139>

CENSO 2021. Estatísticas Sociais, da redação, **País tem 7,2 milhões de pessoas que fazem trabalho voluntário**. CENSO 2021. Disponível em <https://censo2021.ibge.gov.br/2012-agencia-de-noticias/noticias/24268-pais-tem-7-2-milhoes-de-pessoas-que-fazem-trabalho-voluntario.html>

COUNTRY ECONOMI. **Camboja PIB - Produto Interno Bruto**. In: Camboja - PIB - Produto Interno Bruto. [S. l.], 2020. Disponível em: <https://pt.countryeconomy.com/governo/pib/camboja>. Acesso em: 13 mar. 2022.

ESCOBAR, Edgar Silva. **O Voluntariado no Brasil**. Trabalho de conclusão de curso de

Mestre em Gestão e Políticas Públicas, da Escola de Administração de Empresas de São Paulo - EAESP, da Fundação Getúlio Vargas. São Paulo, 2017. Disponível em: <https://pesquisa-eaespp.fgv.br/teses-dissertacoes/o-voluntariado-no-brasil>

FRANSCISCO, Wagner de Cerqueira. **Camboja: uma das nações economicamente mais pobres do continente asiático**. In: Brasil Escola, [S. l.], p. 1-2, 16 jul. 2020. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/camboja.htm>. Acesso em: 9 mar. 2022.

FROTA, Marina. **O que motiva as pessoas a serem voluntárias?**. LinkedIn, [S. l.], p. 1-2, 20 dez. 2021. Disponível em: https://www.linkedin.com/pulse/o-que-motiva-pessoas-serem-volunt%C3%A1rias-marina-frota?trk=public_post-content_share-article. Acesso em: 13 mar. 2022.

FUNDO MONETÁRIO INTERNACIONAL. **World Economic Outlook Database**. In: World Economic Outlook Database. [S. l.], 06 2019. Disponível em: <https://www.imf.org/en/Home>. Acesso em: 9 mar. 2022.

KNOEMA. **Camboja - Taxa de mortalidade, crianças**. Atlas Mundial de Dados, [s. l.], p. 1-2, 2020. Disponível em: <https://pt.knoema.com/atlas/Camboja/Taxa-de-mortalidade-criancas>. Acesso em: 13 mar. 2022.

LANDIM, Leilah. SCALON, Marai Celi. **Doações e o Trabalho Voluntário no Brasil**. Rio de Janeiro, 72000 Disponível em: https://www.iser.org.br/wp-content/uploads/2021/01/doacoes_e_trabalho_voluntario_no_brasil.pdf

LIMA, Aldo José Fossa de Sousa. BARELI, Paulo. **A importância Social do Desenvolvimento do Trabalho Voluntário**. In: Revista de Ciências Gerenciais, Vol. 14, nº 20, ano 2010, São Paulo. Disponível em: http://www.eticaempresarial.com.br/imagens_arquivos/artigos/File/Monografias/artigo_voluntariado.pdf. Acesso em: 20 mar. 2023

OLIVEIRA, Fernanda Maria Rivas. **E o que é que é preciso para ser voluntário?: Voluntariado como modelo de governança em contextos de crise**. Portugal 2012-2018. Instituto Universitário de Lisboa, ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa. 2021. 296 p. Tese (Doutoramento em Antropologia) - ISCTE Ciências Sociais e Humanas, Portugal, 2021. Disponível em: https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/22871/1/master_fernanda_rivas_oliveira.pdf. Acesso em: 13 mar. 2022.

OLIVEIRA, Nielmar de. **Número de brasileiros que realizam trabalho voluntário cresce 12,9%: Em 2017, 7,4 milhões de pessoas se dedicaram a esse tipo de atividade.** Agência Brasil, Rio de Janeiro, p. 1-2, 18 abr. 2018. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/node/1116832#:~:text=O%20perfil%20dos%20volunt%C3%A1rios%20no,em%20todas%20as%20grandes%20regi%C3%B5es>. Acesso em: 9 mar. 2022.

MEDITSCH, E.B.V. **A Especificidade do Rádio Informativo: um estudo da construção, discurso e objetivação da informação jornalística no rádio, a partir de emissoras especializadas de Portugal e do Brasil em meados dos anos 90.** Tese de Doutorado. Lisboa: FCSH/UNL, 1997

PEREIRA, Fabio Henrique. **A entrevista no jornalismo brasileiro: uma revisão de estudos.** Estudos em Jornalismo e Mídia Vol. 14 Nº 2, Julho a Dezembro de 2017. ISSN 1984-6924. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Fabio-Pereira-8/publication/329133175_A_entrevista_no_jornalismo_brasileiro_uma_revisao_de_estudos/links/5cc6f3204585156cd7ba74f2/A-entrevista-no-jornalismo-brasileiro-uma-revisao-de-estudos.pdf

SAMPAIO, Jáder dos Reis. **Voluntários: Um Estudo Sobre a Motivação de Pessoas e a Cultura em uma Organização do Terceiro Setor.** 2004. 255 p. Tese (Curso de Doutorado em Administração) Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, [S. l.], 2004. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/12/12139/tde-24052007-160054/publico/tese.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2022.

SHARP, Bruce. **Counting Hell: The Death Tool of the Khmer Rouge Regime in Cambodia.** In: Counting Hell. Online. [S. l.], 2005. Disponível em: <https://www.mekong.net/cambodia/deaths.htm>. Acesso em: 13 mar. 2022.

SILVA, Gislaine. **Para pensar critérios de noticiabilidade.** Estudos em Jornalismo e Mídia Vol.II Nº 1 - 1º Semestre de 2005. Acesso em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2091/1830>

SINDICATO DOS JORNALISTAS DE MINAS GERAIS. **Tabela Free-lancer - Minas Gerais.** Disponível em : <https://www.sjpmg.org.br/wp-content/uploads/2023/07/TabelaFreelaSJPMG2023-Web.pdf>

SINDICATO DOS JORNALISTAS DO PARANÁ. **Tabela free-lancer - Paraná** - Disponível em: <http://sindijorpr.org.br/noticias/351/nova-tabela-de-pisos-e-referencia-de-free-lance-no-sit>

e-do-sindijor

SINDICATO DOS JORNALISTAS DE SANTA CATARINA. **Tabela free-lancer - Santa Catarina**. Disponível em: <https://sjsc.org.br/tabela-de-freelas/>

TED-ED. **Ugly History: The Khmer Rouge murders - Timothy Williams**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8_TYFkc_1U&t=11s>. Acesso em: 27 abr. 2024.

TED. **Sophal Ear: Escaping the Khmer Rouge**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=OyPGDBOqPFs>>. Acesso em: 30 abr. 2024.

EAR, Sophal. **Sophal Ear: Escaping the Khmer Rouge**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=FcGC4VFb32w&t=47s>>. Acesso em: 30 abr. 2024.

MUKHERJEE, S. **Spotify obtém mais assinantes e podcasts estimulam anúncios**. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/economia/macroeconomia/spotify-obtem-mais-assinantes-e-podcasts-estimulam-anuncios/#:~:text=O%20Spotify%20se%20aventura%20em>>. Acesso em: 17 jun. 2024.

Número dois do Khmer Vermelho morre aos 93 anos no Camboja. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/numero-dois-do-khmer-vermelho-morre-aos-93-anos-no-camboja-23854608>>. Acesso em: 20 jun. 2024.

Primeiro-ministro do Camboja, Hun Sen, renuncia após 38 anos e cede cargo ao filho. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/afp/2023/07/26/primeiro-ministro-do-camboja-hun-sen-renuncia-apos-38-anos-e-cede-cargo-ao-filho.htm>>. Acesso em: 20 abr. 2024.

Camboja | Pib Per Capita | 1993 – 2024 | Indicadores econômicos | CEIC. Disponível em: <<https://www.ceicdata.com/pt/indicator/cambodia/gdp-per-capita>>. Acesso em: 27 out. 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. **Repositório Institucional**. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/193374/discover>. Acesso em: 25 jun. 2024.

BICKER, Laura. **Camboja: como indústria da moda alimenta condições de trabalho**

desumanas em fábricas com calor extremo na Ásia. Disponível em:
<<https://www.bbc.com/portuguese/articles/cmlg481wx7no>>. Acesso em: 25 jun. 2024.

APÊNDICE A - Roteiro do podcast Entre Fronteiras: Episódio 1

Episódio 1 - Vivi no Camboja
35 min

Bloco 1: Chegando no Camboja

[BG viagem]

O que é o que é?
181 mil km de terras mágicas
Tem o mesmo rei há 20 anos
16 milhões de habitantes
Está 10 horas na frente do Brasil
96% da população é budista

Algum palpite?

Estive no caminho desse reino por duas vezes, entre elas passei pela Alemanha com escala em Frankfurt, Qatar com direito a aeroporto decorado para a Copa do Mundo e Singapura, cidade modelo da Ásia. Trechos que levam um total de 32 horas de voo. Para finalmente chegar nele, o país que faz fronteira com Tailândia, Vietnam e Laos.

E aí, já conseguiu adivinhar?

É o Camboja! País que me foi casa por um ano e meio enquanto vivia a experiência de professora voluntária.

[som de aeroporto, chegada de voo - transição]

Sejam bem vindos senhoras e senhores passageiros, acabamos de aterrissar no sudeste da Ásia.

Nosso destino é o Camboja, país cuja cultura tem registros desde o ano sessenta e oito depois de Cristo.

[vinheta]

[BG aventura]

Mas por que você deveria confiar em mim sendo sua guia? Vou me apresentar. Sou Virginia Witte, natural do Paraná, tenho 26 anos, sou estudante de Jornalismo na Universidade Federal de Santa Catarina e, durante o curso, vivi por 18 meses no Camboja. Entre 2021 e 2023, trabalhei como professora de inglês, música e artes no país asiático.

Desembarcamos na capital Phong Phen, a cidade tem 2 milhões de habitantes e concentra a maior parte da história recente do país, com o palácio real, inúmeros templos budistas, o museu do holocausto e o centro de extermínio. Conhecendo a história, passei a admirar ainda mais este país, que é pouco explorado pelos Brasileiros.

Para nos acompanhar nesta viagem, convidei algumas pessoas que vão fazer parte dessa conversa e nos ajudar a entender o que faz do Camboja um país com tanta personalidade.

[Muda BG - do suspense para o contexto político ditador]

Bloco 2: Histórico social

Para começar é importante conhecer um pouco da história e o contexto social e político deste país.

O Camboja é uma monarquia parlamentarista. O sistema político é bastante similar ao do Reino Unido, há um rei que tem funções diplomáticas e cívicas, enquanto o comando político do país é responsabilidade do primeiro-ministro.

Atualmente a nação é regida pelo Rei Norodom Sihamoni, que atuou como embaixador do Camboja para a UNESCO até em 2004, ano que seu pai, Norodom Sihanouk, abdicou do posto. Naquele ano, Sihamoni foi nomeado para assumir a liderança e tem sob suas mãos uma economia que roda num PIB de 36 milhões de dólares. Sendo a centésima oitava nação na listagem de economias mundiais, tendo referência o ano de 2022. Estando à frente de países como Islândia, Lêmen e Senegal.

A atual posição do Camboja resulta de sua história recente. Te convidado a visitar um pouco desse passado...

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945, o monarca Norodom Sihanouk passou a negociar a independência cambojana após 90 anos de colonização francesa. Levando o país a celebrar sua conquista na data de 9 de novembro de 1953.

Apesar do fim da colônia, a partir daquele momento, algumas políticas que o Rei passou a implementar eram muito severas, deixando o período conhecido como Sangkum. O ultranacionalismo, a lealdade ao monarca, a luta contra a injustiça e a corrupção e a proteção da religião budista, foram as principais bandeiras da ideologia Sangkum. Sihanouk adotou uma interpretação conservadora do Budismo, a linha Theravada bem comum nos países do Sudeste Asiático, entende que as desigualdades sociais e econômicas entre as pessoas são legítimas, devido ao funcionamento do carma. Para as classes mais pobres, a atitude de obediência ao monarca levaria a possibilidade de nascer em uma posição mais elevada em uma vida futura. Essa postura revoltou seus opositores, que já estavam insatisfeitos com o regime colonial francês, a buscar pela derrubada do rei.

O cenário político se agravou com a guerra no Vietnã, que começou logo em seguida, em 1955. A disputa se dava pelo apoio de soldados Norte Americanos ao sul não-comunista do Vietnã, contra o norte comunista. Por conta dessa disputa, o governo

norte-americano pediu apoio ao Camboja, mas o monarca Sihanouk optou por se manter neutro.

Até que em 1970 o primeiro-ministro da época, General Lon Nol, derrubou o Rei em um golpe de estado apoiado pelos Estados Unidos, proclamando o Camboja uma República. Em seguida autorizou o bombardeio americano em solo cambojano, com objetivo de atingir os soldados vietnamitas do norte. O ataque levou à morte inúmeros civis cambojanos. Atiçando a revolta entre diferentes grupos da sociedade. Assim se fortaleceu o *Khmer Vermelho*.

Sonora TEDed/com tradução - 1:07-1:23: *O Partido Comunista do Kampuchea, também conhecido como Khmer Vermelho, era liderado por cambojanos que sonhavam em fazer da sua nação uma sociedade rural, sem divisão de classes. Eram opositores do imperialismo e do capitalismo ocidental, buscavam guiar o país à autossuficiência.*

Esse trecho que acabamos de ouvir é de um TED educacional, publicado em 2023 desenvolvido por Timothy Williams, pós-doutor em Ciência Política, professor de Insegurança e Ordem Social na Universidade Bundeswehr de Munique, na Alemanha. Ele se refere ao período em que o Partido Comunista do Kampuchea, também conhecido como *Khmer Vermelho*, foi liderado pelo ditador Pol Pot.

Como o partido e mais pessoas da população eram contrárias ao imperialismo e ao capitalismo ocidental, os ataques americanos ao Camboja causaram ainda mais revolta na população, que passou a apoiar o *Khmer Vermelho*.

Buscando reconquistar o poder, o rei Sihanouk se aliou ao *Khmer Vermelho* e chamou à população para tomar as armas. Inúmeros cambojanos se vincularam ao partido *Khmer* nesse momento. E assim se iniciou uma guerra civil, que durou 5 anos e matou 500 mil pessoas. Mas a violência não acabou com a derrubada do poder militar e o fim do Camboja como república. Em abril de 1975 o ditador Pol Pot assumiu o governo regido pelo general Lon Nol, e teve a oportunidade de colocar em prática a utopia agrária do *Khmer Vermelho*.

Sonora TEDed/com tradução 1:53-2:24: *Ao conquistar a capital, o Khmer Vermelho executou todo os associados ao governo anterior. Sihanouk foi afastado do poder e mantido em prisão domiciliar. Os cidadãos foram evacuados para o interior. Os incapazes de fazer a viagem a pé, eram abandonados, o que separou inúmeras famílias. O novo regime retirou os pertences pessoais dos cidadãos, e receberam roupas e cortes de cabelos idênticos. A propriedade privada, o dinheiro e a religião foram proibidos.*

Professores e estudantes universitários também eram perseguidos - sendo entre aspas identificados por seus óculos. Pessoas que demonstrassem características de ocidentalização ou falassem um idioma estrangeiro, também eram presas pelo governo. Agora você consegue imaginar, ser um cidadão comum, ou uma criança e acompanhar uma caminhada de meses até um suposto lugar seguro?

Essa foi a vivência de Sophal Ear, cambojano-estadunidense, refugiado do período Khmer Vermelho e atualmente cientista político especialista em economia política, diplomacia, assuntos mundiais e desenvolvimento internacional. Ele tinha apenas um ano de idade quando sua família foi retirada da capital, rumo ao interior do país.

[muda BG]

Sonora Sophal Ear/com tradução - 0:15-0:23_0:34-0:49: *Morávamos e Phnom Penh, meus pais foram chamados pelo Khmer Rouge para evacuar a cidade, por conta de um iminente bombardeio americano na capital por três dias. Entretanto, a ideia de um bombardeio não era tão distante, uma vez que entre 1965 e 1973 haviam mais munições que caíram no Camboja, que em toda Segunda Guerra Mundial no Japão, incluindo as duas bombas nucleares de agosto de 1945.*

A sobrevivência ao campo de extermínio foi possível. Para Sophal, seus 4 irmãos, e sua mãe.

Sonora TED - Sophal Ear/com tradução - 0:13-0:27: *Fomos mudados para o interior, onde fizeram eles trabalhar no campo. Uma das consequências quando você tem pessoas que não estão acostumadas a viver no interior, e você força a trabalharem no campo é: eles morrem. Então um a cada quatro cambojanos acabaram morrendo, incluindo meu pai por desnutrição.*

Durante o período Khmer, o governo do Vietnã fez um chamado para sua população que estava no Camboja: poderiam voltar ao país, para tanto deveriam passar numa prova para validar sua cidadania.

Para confirmar sua origem, as pessoas precisavam falar Vietnamita, língua que a mãe de Sophal tinha aprendido quando criança. Seu teste foi em 1977, ela tinha os 5 filhos enrolados em cobertores, e alegava aos responsáveis que as crianças estavam doentes, por isso não poderiam falar.

Mas as palavras aprendidas pela mãe foram suficientes para a prova, e deram à família o passaporte para a liberdade.

[muda BG]

O partido Khmer tinha uma meta: sua população plantaria arroz, e alcançaria níveis incríveis de colheita, seguindo um plano de em 4 anos triplicar a produção do grão. Entretanto, por consequência da guerra civil, a produção de arroz caiu em 84%, pela queima dos campos e a morte de animais utilizados na lavoura. Uma vez que essa meta não foi alcançada, a liderança chegou à conclusão de que haviam pessoas infiltradas sabotando a revolução. Com esse critério, todos que pareciam suspeitos eram torturados e executados.

Sonora TEDed/com tradução - 0:15-0:44: *O Partido Comunista do Camboja governou o Camboja com mão de ferro perpetrando um genocídio que matou 1/4 da população do país. Cerca de 1 milhão de cambojanos foram executados como suspeitos de inimigos políticos ou devido às suas etnias. O regime teve como alvo os muçulmanos do povo Cham, vietnamitas, chineses, tailandeses e Indivíduos do Laos. Fora dessas execuções, mais de 1 milhão de cambojanos morreram de fome ou exaustão por excesso de trabalho.*

Após 4 anos de brutalidade, em 1979 as tropas do Vietnã, junto com desertores do grupo Khmer, entre eles Hun Sem - *logo apresento ele pra vocês* - tomaram o controle do país. Essa revolta política levou o Camboja a mais uma guerra civil, que acompanhou o país até a década de 90. Esse contexto afeta o país até hoje, e suas consequências se refletem na sociedade como um todo.

Sonora Emiliano/sem tradução: *Falar do Khmer vermelho hoje lá no Camboja é uma coisa muito delicada. Eu digo para as pessoas que vão ouvir isso, não fale sobre o Khmer vermelho quando vão lá, porque provavelmente alguém da família morreu e dói.*

Emiliano Unzer, 47 anos, é professor de história da Ásia pela Universidade Federal do Espírito Santo. Lembra do Hun Sen, que citei há pouco? Ele foi um líder que assumiu o posto de primeiro-ministro por mais tempo. Ele é um ex-comandante militar e ocupou o cargo pela primeira vez de 1984 a 1993 e depois exerceu um segundo mandato, de 1998 até 2023.

Na entrevista que Emiliano me concedeu em outubro de 2023, explicou como a figura de Hun Sen, ex primeiro-ministro, era vista até então.

Roda sonora Emiliano/sem tradução - *Eu vejo hoje que quase não é unanimidade, mas uma boa parte das análises é que existe um sistema praticamente*

unipartidário, a figura do Hun Sen ele é muito grande, ele já está apontando o sucessor o filho dele e isso é ele não domina na base do terror. Hum Sem ele é visto como aquele que está trazendo capital investimento para o Camboja. Os militares estão apoiando ele, pelo empresariado tá vindo capital chinês, então, ele está sendo visto com essa figura. Agora ele domina o cenário político.

E Emílio estava certo. No dia 26 de julho de 2023, Hun Sen renunciou ao cargo que ocupava por décadas e nomeou seu filho. A partir de agosto, Hun Manet assumiu como primeiro-ministro aos 45 anos. Integrante do influente comitê permanente do partido governante, comanda o Exército Real do Camboja desde 2018, já se reuniu com alguns líderes mundiais.

Uma vez que Hum Sem deixou o cargo de primeiro-ministro, passou a ocupar a presidência do Senado em 2024. Inclusive, quando o rei viaja ao exterior, Hum Sem fica no cargo de chefe de estado interino. Mas, em uma entrevista à Agência de Notícias France Press, declarou:

Sonora Hun Sen/sem tradução: *Em caso de perigo para a vida do meu filho, eu retorno ao cargo de primeiro ministro.*

Hum Sem venceu a última eleição, em 2023, num contexto criticado pela ONU e os governos dos Estados Unidos e Reino Unido, por não serem consideradas livres nem justas. Seu argumento foi que sua saída traria um rejuvenescimento para a política do país. Segundo o comissário da ONU para os direitos humanos Volker Turk, em nota no dia 26 de julho:

[sonora gravada reproduzir com textura de rádio]

Sonora ONU/com tradução: *É preocupante que o Camboja tenha testemunhado um encolhimento constante do espaço democrático nos últimos anos, minando as liberdades fundamentais e o direito de participar dos assuntos políticos.*

Bloco 3: Educação e voluntariado

Hoje, considerando todo este contexto político e o impacto no desenvolvimento social, a educação é uma das áreas que sofre as maiores consequências. O país tem uma taxa de alfabetismo de 73%, entre os homens é de 82% e entre as mulheres chega apenas a 65% - considerando os maiores de 15 anos que sabem ler e escrever, segundo o CIA World Factbook. Por conta disso, a existência de projetos voltados ao desenvolvimento da educação é muito frequente no país, principalmente por Organizações não Governamentais e iniciativas voluntárias.

Eu trabalhei no Camboja como voluntária. Morei na cidade de Senmonorom, capital da província de Mondulkiri no interior. Localizada a seis horas de ônibus da capital, a cidade tem uma população de 13 mil habitantes. Durante minha estada pude visitar e conhecer diferentes cidades do país e me apaixonar pelas suas riquezas culturais.

Roda sonora 1 - Moli falando em Khmer - 00:05

Olá, como você está? Bem vindo ao Camboja!

Vamos traduzir? A Molli, minha amiga cambojana, disse: Olá, como você está? Bem vindo ao Camboja! Achou difícil? Vamos ouvir mais uma vez.

Roda sonora 1 - Moli falando em Khmer - 00:05

Olá, como você está? Bem vindo ao Camboja!

Moli tem 36 anos e foi uma das alunas das aulas de inglês durante a noite da Christensen Adventist School. Escola Adventista Christensen, que está no Camboja por meio da Adventist Frontier Missions AFM. Essa é uma organização mundial, vinculada à igreja Adventista do Sétimo Dia.

Voluntários iniciaram atividades locais no ano 2000, mas a escola foi aberta em 2015. Desde então, anualmente pessoas de diferentes países trabalham na escola, que funciona por meio de doações, e inaugurou sua sede oficial em 2018.

Atualmente a Christensen tem em torno de 270 alunos, entre o pré 3 e o sexto ano. A escola também oferece curso de inglês para 7 diferentes níveis, aberto à pessoas da comunidade.

Sonora Amy/com tradução: *Sempre quis ser uma missionária, onde eu pudesse ver uma diferença por conta do que estou fazendo. Eu fui para Coréia do Sul como missionária, mas não me vi dessa forma. Queria algo mais mão na massa. Assim encontrei as vagas da AFM, em lugares mais remotos que precisam realmente de ajuda e não é só ir pra um trabalho.*

Essa é a Amy, ela tem 27 anos e atuou no Camboja por dois anos. Foi professora da Moli durante esse tempo, e em sala de aula, nos momentos entre amigas, que tínhamos trocas do inglês pelo aprendizado do idioma local. A língua oficial do país é o Khmer, eu falo Khmai, você pode ouvir alguém dizendo Khmer, mas todas as versões funcionam. Esse é o maior idioma do mundo segundo o Guinness Book. Tem 74 letras, sendo 33 consoantes e 41 vogais, é isso mesmo, 41 vogais.

Roda sonora 2 - sala de aula

Crianças da primeira série praticando o alfabeto em sala de aula

Se você tivesse sido alfabetizado no Camboja, esse som com certeza seria uma memória da sua infância. Essa é a turma da primeira série da escola em que

trabalhei. Fui professora de inglês em dois anos letivos. Inclusive foi em uma das aulas de Khmer com eles, que decorei minha primeira sentença. E essa dinâmica entre o idioma local e o inglês acontece porque muitas professoras da escola também falam inglês e são parceiras na tradução de algumas aulas.

Graças a esse processo aprendi a me virar no mercado e outros espaços onde as pessoas apenas falam Khmer. Alguns meses antes de chegar no Camboja aprendi a falar os números por meio de aulas de Khmer no Youtube.

Sonora Robson/sem tradução - *Trabalhamos com crianças, em centro infantil ou orfanato, mas agora a gente tem produzido, um pouquinho mais de três anos, vídeos pras crianças aqui no Camboja, material online, nós temos o canal no Youtube.*

Robson tem 43 anos, ele e sua família foram ao Camboja para trabalhar num Centro Infantil na cidade de Poipet, que fica na fronteira com a Tailândia. Durante três anos atenderam crianças em situação de vulnerabilidade, dando suporte educacional, alimentação e cuidado durante o período que a família precisasse. Após o período de trabalho lá, e com a família crescendo nesse tempo, entenderam que precisavam se mudar. Isso fez com que a demanda de trabalho diminuísse muito, então Robson teve uma ideia.

Sonora Robson/sem tradução - *Meu objetivo era ajudar os brasileiros que estavam vindo pra cá, porque a maioria é inglês se você achar alguma coisa em francês mas em português nada, zero. Comecei a ensinar palavras básicas, frases de sobrevivência.*

Para os voluntários, um dos primeiros desafios ao se aproximar da comunidade é o idioma local. O aprendizado do idioma e a autonomia dos voluntários permite uma maior proximidade entre professores e alunos. É a partir da comunicação que se constrói confiança e troca. Inclusive, é entendendo como o cambojano se comunica, a

estrutura lógica do idioma, que se torna possível ensinar um segundo idioma de forma didática.

Roda sonora - números 1 até 10 por uma pessoa cambojana

Sonora Mark Bouman/com tradução: *A riqueza de uma nação segue a sua educação. Portanto, se a educação for fraca, o país será pobre. E assim, a nação tem um bom sistema educacional e, eventualmente, a riqueza segue.*

Mark, 64 anos, e sua família foram pioneiros em uma educação acessível para crianças no Camboja. A região escolhida por eles foi a das comunidades ribeirinhas, que vivem em casas móveis, construídas em palafitas, que permitem a mudança conforme o subir da maré. Esse fenômeno é natural, mas muitas vezes prejudica, ou até mesmo impede, o acesso às escolas que estão mais distantes das vilas.

Diante desta condição Mark e sua família, decidiram construir uma escola móvel que acompanhe a comunidade, e viabilize a educação para crianças da pré-escola, primeiro e segundo ano.

Sonora Mark Bouman/com tradução: *Todo mundo move sua casa para cerca de sete quilômetros de distância da costa. E assim mudamos a escola para segui-los. Então todo mundo vem para a escola em barcos. A nossa viagem leva uma hora, indo de barco para a escola. E temos que atravessar cerca de 30 quilômetros de água. Ficamos lá o dia todo e depois voltamos.*

O projeto da escola flutuante, assim como muitos outros, é mantido por doações. Seja para refeições, material de estudo e a própria manutenção do espaço para ações sociais. Estes projetos também contam com a força física de voluntários, e suas vagas atualmente têm sido contempladas por jovens, nômades digitais, pessoas que buscam por intercâmbio social.

Roda sonora Sya/com tradução - *Eu penso que projetos voluntários são bons para todos nós, porque a gente ganha mais experiência e aprendemos mais um dos outros, conhecendo pessoas de outros países.*

Essa fala é de Sya Chan. Ela é Cambojana, tem 32 anos, trabalha num dos principais bancos da província de Mondulkiri e foi aluna das aulas de inglês na escola Christensen em SenMonorom. Sua proximidade com os voluntários se deu ao longo dos anos pelo interesse de aperfeiçoar o inglês, e por gostar de interagir com pessoas de outros países. Sya tem amigos em cada grupo de voluntários da cidade. Dos educacionais, até os de prevenção ambiental.

Roda Sonora Sya/com tradução - *Eu vejo todos vocês ensinando as crianças nos vilarejos, eles não têm o suficiente, algumas crianças não conseguem ir para a escola e estudar, mas vocês conseguem ajudar eles a aprender inglês, como ser um desbravador e ajudar as pessoas a serem corajosas.*

Essas conexões são possíveis quando os voluntários se colocam à disposição de conhecer as pessoas com quem trabalham, direta ou indiretamente, sempre respeitando suas histórias e cultura.

Bloco 4: Cultura

A riqueza da cultura cambojana muitas vezes pode surpreender quem chega sem muitas informações sobre o país e espera encontrar uma escassa estrutura. Foi o que aconteceu com Jared, um voluntário norte americano, de 19 anos, que morou em Seam Monourom por 3 anos, trabalhando na escola Christensen e também com crianças em vilarejos mais afastados.

Sonora Jared/com tradução: *Eu sabia que iria morar em uma cidade, mas imaginei a cidade sendo mais parecida com Pucheri, uma das vilas daqui. Teriam casas de madeira, mais rústicas e meio primitivas. Foi assim que pensei que seria. Talvez não tivesse eletricidade, luzes elétricas, água corrente, coisas desse tipo, e fiquei meio surpreso. A cidade é muito mais desenvolvida do que eu pensava.*

Para um estrangeiro, seja ele voluntário ou turista, conhecer e respeitar a cultura local é o que possibilita vivenciar o máximo do país e das pessoas que se conhece no caminho, na rotina para ter uma refeição ou num passeio a lugares icônicos.

Um dos espaços onde a riqueza cultural está ao alcance das mãos, dos olhos e dos ouvidos são os mercados. O supermercado como a gente conhece no Brasil é chamado Psaa Tumnãp, a palavra Psaa é mercado e Tumnãp se refere a algo desenvolvido, moderno. Esses locais normalmente estão em espaços com refrigeração do ambiente e dos alimentos, e têm até uma caixa registradora, então o troco e gestão do dinheiro é mais automatizada, podendo receber o troco até em dólar.

Sonora Robson/sem tradução: *Um dólar geralmente é 4,100, mas tinha dado uma aumentada para 4,200 geralmente no psa ou no mercado quando fala 20 mil é 5 dólares e o pessoal recebe.*

A moeda oficial do país é o Riel, esse nome foi escolhido provavelmente por conta do grande uso da prata real mexicana, usada pelos comerciantes indianos, chineses e malaios no século XIX. Há, ainda, uma teoria interessante, de que o nome da moeda se refere a um peixe encontrado no importante Rio Mekong, nomeado riel, que significa “peixe pequeno”.

Outro tipo de comércio típico no país é o Psaa Tumnãp, o nome dado às mercearias, vendinhas pequenas que oferecem salgadinho, sucos, pães, até galões de água e gasolina. Normalmente, as pessoas abrem esse tipo de comércio em casa,

usando a estrutura da frente, deixando os cômodos da casa na parte de trás. Pode acontecer de você entrar no local e ver alguém deitado dormindo, ou entrar e se dar conta que está na cozinha da pessoa.

Já o mercado tradicional - chamado Psaa - é semelhante a uma grande feira, como os mercados públicos, só que montado na rua. Eles têm várias banquinhas onde vendem souvenirs, itens domésticos, e até oferecem serviços como salão de beleza, casa de câmbio, peixaria e açougue a céu aberto. Robson explica a relação do cambojano com estes espaços.

Sonora Robson/sem tradução - 0:18 *Ele faz parte da vida do Cambojano, a grande maioria das pessoas vão no Psaa, O psaa é parte da cultura dele, vai muita gente lá. Muitos cambojanos não tem geladeira, então eles vão todos os dias comprar verduras, comprar peixe. Essa era nossa vida no centro infantil em Poipet, não tinha geladeira quando chegamos lá.*

Por ser um país tropical, com estações marcadas pela seca e pela chuva, a alimentação é baseada no consumo de arroz, legumes e tem uma grande variedade de frutas. Banana, manga, melancia, abacate são as frutas mais comuns e baratas. E por mais que você consiga encontrar, frutas como uva, laranja, maçã, acabam sendo as mais caras porque a produção é limitada.

Arroz, verduras e frutas estão presentes em todas as refeições, inclusive no café da manhã. Assim como no Brasil, por lá se come muito arroz, mas o modo de preparo é diferente. Uma boa oportunidade para conhecer novos pratos!

Sonora Aline/sem tradução: *Ah eu gosto de Tomnham, uma sopa. você lembra? Tem tomate, você pode escolher a carne, né? Pode ser frutos do mar que eu não gosto, frango ou carne de boi. Tem também cogumelo tem bastante caldo. Tem muito caldo, é que o caldo do Tomnham o gostinho lá tá no caldo, então, eu gosto muito dessa comida, eu gosto de baitcha, mitcha.*

Esses são alguns dos pratos cambojanos favoritos da Aline, 40 anos, uma das produtoras de conteúdo infantil cambojano, junto do Robson, seu esposo. O mitcha, que ela cita é macarrão frito com legumes, o “baitcha” é arroz frito com legumes, ambos os pratos são vendidos em todo o país.

E com certeza, o arroz é um dos alimentos mais produzidos e consumidos por lá. Em 2019 o Camboja alcançou a marca de décimo produtor do mundo, com 10 milhões de toneladas. A produção de arroz só perde para a mandioca que, com 13 milhões de toneladas produzidas em 2019, concedeu ao Camboja o sétimo lugar de maior produtor do mundo, segundo a Organização de Alimento e Agricultura dos Estados Unidos.

[talvez aqui dê pra mudar a BG]

Os mercados cambojanos, além de espaço de comercialização de alimentos, emanam a diversidade cultural do país. Ali, em meio a rotina, podemos nos deparar com uma realidade que, inicialmente, pode parecer mística.

Roda sonora 8 - 0:12-0:40 áudio dos monges orando

A presença dos monges budistas com a cabeça raspada, vestindo seus trajes alaranjados e carregando cestos para coleta de doações, chama a atenção em meio ao tráfego intenso das ruas estreitas, a brincadeira das crianças e a moto do pão anunciando os produtos do dia.

O Camboja foi inicialmente influenciado pelo hinduísmo, durante o Império Khmer que foi do ano 802 do século IX até 1431, por meio do rajá Jaiavarmã II. Ele propagou o hinduísmo pelo país por meio da construção de grandes templos. Angkor Wat é o mais famoso. O templo está ilustrado, inclusive na bandeira do país e já foi palco de filmes como Tomb Raider. Com 163 hectares que levaram 37 anos para serem

concluídos, o templo é reconhecido pelo Guinness Book como a maior estrutura religiosa construída no mundo.

Após a queda do Império Khmer em 1431, a escola budista Theravada, a mais antiga e tradicional corrente da religião, foi reintroduzida por monges do Sri Lanka no século XIII.

O budismo foi a religião mais professada ao longo dos séculos seguintes. Até que no século XX, as políticas do Khmer Vermelho contra o Budismo quase dizimaram a religião. No período, mosteiros foram destruídos, os monges eram forçados a se despir e, em alguns casos, eram executados, caso não cooperassem. Essas ações enfraqueceram de forma efetiva as instituições budistas do Camboja. Os monges que fugiram e evitaram a execução, viviam em meio a população, às vezes realizando secretamente rituais para os doentes e aflitos.

As estimativas do número de monges no Camboja antes da ascensão do Khmer Vermelho variam entre 65.000 e 80.000. Na época da restauração budista no início da década de 1980, o número de monges cambojanos em todo o mundo foi estimado em menos de 3.000.

Hoje, a população retoma a relação com o budismo. É comum ver as pessoas recebendo os monges em suas casas ou comércios. Durante suas caminhadas em busca de doações, os monges retribuem com rezas. A ida ao Pagodá, nome dado aos templos, é feita pelos praticantes em momentos de celebração, como na festa da água, da colheita e para entrega das oferendas com flores e frutas no ano novo Khmer, que é celebrado no mês de abril. Isso acontece, porque o Camboja segue dois calendários. Institucionalmente aplica o gregoriano, que é o que seguimos aqui no Brasil, que hoje vive o ano de 2024. Enquanto o calendário budista, que é um conjunto de calendários lunissolares baseados nos movimentos da lua e do sol, vive o ano 2567. Não só o Camboja aplica esse calendário, outros países do sudeste asiático, como Tailândia, Laos e Mianmar estão vivendo 543 anos à frente do calendário gregoriano.

E assim, procurando incorporar a diversidade, a manifestação religiosa no Camboja atualmente é livre, para budistas, mulçumanos e cristãos. Uma vivência possibilitada, após anos de guerras com objetivos políticos e religiosos. E é nesse contexto que vários projetos de voluntariado são realizados no Camboja neste momento.

[Muda BG final]

No próximo episódio vamos ampliar essa discussão em uma conversa com 4 voluntários que estiveram em regiões diferentes do mundo, e conhecer os desafios que o Camboja proporciona e quais, independente de onde você vá como voluntário, estarão lá te esperando!

[Ficha técnica]

Esta reportagem é o Trabalho de Conclusão de Curso da aluna Virginia da Silva Witte. Apresentado na graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina no primeiro semestre de 2024.

Locução: Virginia Witte

Produção e roteiro: Virginia Witte

Edição: Virginia Witte e Thaisy Regina

Edição da vinheta: Leandro Becerra e Lorrane Oliveira

Participação especial em locução na ordem de apresentação: Kauane Lahr, Juscelino Senei Filho, Áureo Moraes, Juarez Silvino Catengue Alberto, Maria Eduarda da Silva de Oliveira, Dalton Barreto, Klaymara Karen da Silva, Pedro Guerrazzi

Assessoria técnica: Roque Bezerra e Peter Lobo

Orientação: professora Melina Ayres

APÊNDICE B - Roteiro do podcast Entre Fronteiras: Episódio 2

Episódio 2: Mesa redonda - Voluntariado no mundo

41 min

[Vinheta]

LOC - Virginia: E aí galera, hoje vamos conversar com um objetivo um pouquinho diferente, no episódio anterior apresentei o Camboja pra vocês. Só que o foco não é falar apenas de um país, mas também de voluntariado. Então eu não queria reduzir o ser voluntário a ser voluntária apenas de um país, e por isso para poder ampliar essa conversa. Quero trazer uma visão de como tudo isso é vivido em outras culturas.

LOC - Virginia: Então com essa ideia veio a minha parte favorita, conversar com gente e que privilégio poder usar o estúdio da Universidade Federal de Santa Catarina para conversar com essas pessoas que se tornaram meus amigos nesse trajeto. Eles estavam em lugares espalhados pelo mundo, e principalmente, nesse caso fora da Ásia que foi a minha realidade. Pra começar e vocês se aproximarem também um pouquinho mais desses voluntários, eu vou deixar eles se apresentarem e começando pelos de casa.

LOC - Virginia: Vou passar a palavra para a Juliana. Ferrari, que eu conheci aqui nos corredores do jornalismo da UFSC. E eu quero saber, você foi para ser voluntária antes mesmo de entrar pra faculdade certo?

Juliana responde: Isso eu sou a Juliana, eu fiz um voluntariado pela aiesec, eu fiquei dois meses na Colômbia. Eu fiz voluntariado foi pra Colômbia é ser professora lá. Dei aula de algumas coisas variadas, porque é isso que a gente vai montar e às vezes a gente vai para um projeto específico pra gente chegar lá as coisas mudam. A demanda é outra e eu fiquei dois meses na Colômbia, é eu entrei no na UFSC em 2018.1. E aí, no verão anterior, entre cursinho e faculdade, eu fiz o meu voluntariado.

Virginia: Muito bem, é muito obrigada por aceitar estar aqui nos estúdios comigo pela disposição obviamente. Bora agora passando para o meu conterrâneo Paranaense Gustavo Ferelli, se apresenta aí pra galera e conta. Qual o momento que você se aproximou desse role voluntário?

LOC - Gustavo responde: E aí galera, todo mundo que tá ouvindo. Eu tenho 40 anos de idade. Sou formado em Publicidade e Propaganda e Teologia. Meu primeiro contato com voluntariado foi durante a faculdade, durante o seminário eu fiz um trabalho voluntário na Mongólia que foi basicamente um trabalho de construção de um centro de influência e depois eu fui juntamente com a minha esposa para a Islândia. Para a gente ajudar a comunidade lá da Islândia, então fomos para a Europa bem na época da pandemia e foi um rolê muito louco.

Virginia: Gente é muito engraçado escutar o Gustavo e estar conversando com ele, porque assim conheço essa figura desde 2016 gravando Live no Facebook. E agora ele é meu entrevistado, veja como é a vida, né. Agora com ela Ester Rocha. Pessoa que era para ser minha dupla no Camboja foi separada de mim. Ester você ia pro Camboja, você foi parar aonde?

LOC - Ester responde: É isso mesmo, a gente tava aí se preparando para ir juntos pelo pro Camboja, né? E ali 30 dias antes de embarcar tudo muda, e eu não vou só parar em outro país, mas em outro continente, então o chamado aí foi para o Benim. Pequeno país da África ocidental fica ali quase na divisa com o deserto do Saara, então assim bem fresquinho como vocês podem imaginar. E foi uma experiência maravilhosa, maravilhosa. O meu primeiro contato com o voluntário também foi no período da faculdade, embora desde criança tenha tido o conhecimento acima de outras pessoas que viajaram para outros países fazendo voluntariado sempre tive essa vontade.

Virginia: Essa questão de mudança de planos e ser uma pessoa que consegue se readaptar é palavra-chave, no voluntariado e nesse ponto, para fechar nossa volta ao mundo convido Caio Godoy. Para nos contar, como foi isso sair da Suíça Pernambucana para parar na Áustria.

LOC - Caio responde: Eu nasci em Pernambuco em Garanhuns que curiosamente é apelidada de Suíça Pernambucana, que é uma cidade relativamente fria e tem até um Festival de Inverno. Mas eu fui criado há muito tempo em São Paulo. Eu fiz um voluntariado no interior de São Paulo em Iguape, no litoral, e quando eu entrei na faculdade eu conheci outros programas de voluntariado que me levaram primeiramente ao Paraguai. Fiquei duas, três semanas no Chade, na África. Quando eu terminei a minha faculdade eu quis ir para um projeto mais longo de um ano, né? Eu fui para a Áustria, no frio da Áustria, né? E eu achava que eu conhecia frio, Acho que não é nem só o frio, né? O frio e a falta de sol, foi um choque muito grande essa questão do clima e da temperatura, né?

Virgínia: É assim, né? A gente chega no aeroporto e a gente já percebe a diferença no clima ali. Eu lembro da sensação de ter saído, né no período de pandemia, cheguei no aeroporto do Camboja e aquele bafo assim, né? Tipo, ok, cheguei na Ásia entendi agora. Mas isso que o aeroporto ainda é um ambiente controlado, né?

Virginia: Tem ainda uma outra coisa que no momento que a gente sai do aeroporto. A gente percebe que se dá conta de outro desafio que é o idioma local. E aí como que foi para vocês a questão do idioma? Ester, deu tempo de aprender o francês ou você conseguiu aprender depois?

Ester: Quando eu fui para o para o Benim, na verdade, eu não sabia me comunicar e nem nenhum idioma dizendo que o meu inglês ainda não era suficiente, né? E quando eu cheguei lá meu contato era com uma americana que seria a minha líder lá no projeto então se eu soubesse inglês facilitaria, né, mas com o inglês de escola fica meio difícil, eu sei que o primeiro o primeiro 30 dias assim foi a base da mímica do Google Tradutor, quando tinha internet. E foi foi muito difícil, eu lembro que teve um dia que eu cheguei no local assim que a gente tava mais em contato com as pessoas. Eu não sabia falar com ninguém, né? E lá é cada cidade é um dialeto então é uma mistura é normal encontrar uma pessoa que fala 10 idiomas assim, ó, tranquilão, sabe. E daí eu sei que eles estudam espanhol lá na escola, e chegou um jovem assim para falar em espanhol comigo, pensando que era a mesma coisa que português. Só

que eu tava com tantas, acho que tantas palavras de idiomas diferentes na minha mente, que eu não conseguia assimilar o que ele estava falando, mesmo sendo uma língua tão parecida com a minha. E daí ele virou para mim e falou assim “Uai, mas tu não é brasileira. Como que tu não entende espanhol?” Eu fiquei assim, cara, onde que eu vou me enfiar, cadê um buraco aqui para eu me esconder. Nesse dia, eu sei que eu cheguei em casa eu chorava, chorava, chorava desesperada, porque é muito agonizante você tentar se comunicar tipo básico, tipo, tô com sede e não conseguia as pessoas não entenderem? É muito difícil.

Gustavo: Compartilho dessa angústia de você, vocês sentiam muita cansaço mental que você queria dormir tipo 15 horas seguidas, todo mundo aqui é um negócio que era absurdo, né? Porque se chega no lugar todo mundo falando uma outra língua nada a ver e é aquela um monte de informação, se você tá tentando cara. Eu tinha dia que eu só queria dormir de estafa mental, né? Então ufa que bom que eu não tava sozinho nesse rolê

Caio: Junta isso com o jetlag, com o fuso horário e aí você só quer dormir, dor de cabeça ali. O começo é bem complicado.

Juliana: Era um choque quando ele falava com a minha família gente eu eu gostava de falar com a minha família por muito tempo assim durante o que eu tava com saudade e não precisa pensar para falar era uma coisa assim, porque é muito louco isso, né? A gente não presta atenção o quanto a tua mente trabalha muito quando tu tá tentando se expressar dentro da tua personalidade do jeito que tu quer em uma outra língua.

Caio: Eu trabalhava numa escola, né? E lá tinha de todas as idades. Eu vi umas crianças assim, umas crianças alemãs lá falando do Alemão e eu pensava “pô, uma criança de dois anos tá falando melhor do que eu. Eu não tô conseguindo falar nem eu mas tu sabe dizer apanhando aqui a criança lá falando tudo velho”.

Juliana: Uma mistura de um pouco do que a vi tava falando do que a Ester falou, eu fui pra Colômbia. Colômbia fala espanhol né. Só que eu não sabia falar espanhol, tipo nada.

Virginia: Ué, mas tu não é brasileira?

Juliana: Então eu sou brasileira e não só brasileira, sou de Floripa. As pessoas em Florianópolis acham, tem a tendência de achar, que sabem e entendem Espanhol porque tem muita argentino que vem pra Florianópolis, fica três meses aqui durante o verão e aí a gente acha que estamos bem. E eu sempre fui uma pessoa que tinha até uma certa aversão ao a espanhol assim, inclusive foi um dos fatores de eu ter escolhido a Colômbia que eu fiquei cara: eu quero perder esse ranço, não é possível, é uma língua tão bonita as pessoas falam que é uma língua bonita, né?

O impacto quando tu sai do voo e tu chega num país que tudo tá escrito em outra língua, das placas, tudo. Eu sabia falar inglês a minha sorte é que eu sentei, gente a obra do acaso. Deus é muito bom o tempo inteiro mesmo. Eu sentei do lado de uma chilena, que ela sabia falar inglês, por um acaso ela tava indo fazer o mesmo projeto que eu só que numa outra cidade. E ela também teria que sair, porque assim a gente chega em Cartagena e tem que ir até a rodoviária e lá tu tem que negociar com táxi, o valor. E obviamente eles iam olhar para minha cara eu com aquele sotaque, aquele inglês, não falava um espanhol. Aí eu lembro que eu sentei do lado dela e falei, tu vai ter que ir pela rodoviária, tu vai ter que ir para rodoviária. Então assim tu vai negociar o taxista. A gente vai chegar lá pelo teu meio. E aí eu percebi depois de muito tempo que eu percebi e falei gente Deus entregou essa pessoa para mim porque não é possível. Eu nunca ia sentar do lado de uma pessoa no aeroporto por conta disso, porque a gente tem essa visão de Latino que a pessoa fala espanhol como a Ester falou, né? Tu fala espanhol, tu é brasileira, tu entende. Tu não entende, tu não entende, não tem como, não tem, é parecido, soa parecido, o que pode inclusive ser mais angustiante porque a tendência de se achar mais burro.

Ester: Sim, eu lembro que quando eu cheguei no ano no país, a gente chegou na capital e o projeto mesmo era no interior. Então foram 12 horas de viagem mais ou menos quando eu cheguei acho que os primeiro contato aí com alimento, né? Não fez muito bem logo no terceiro dia assim, sabe e agora imagina como que se fala pra outra

peessoa que você tá com febre em francês ou em inglês no meu caso que eu não sabia como falar isso, então é na base da mímica mesmo. Assim, muito complicado, muito complicado, as duas primeiras semanas nossas minha cabeça doía, parecia que estava um zumbido no meu ouvido o tempo inteiro, o tempo inteiro.

Gustavo: Tudo que a gente aprendeu na nossa vida de jogo de Imagem e Ação, é utilizado neste momento da nossa vida. Para quem está pensando em fazer voluntariado, jogue Imagem e Ação, pré requisito, ajuda muito. Falando de aeroporto, quando a gente chegou na Islândia. A gente chegou na pré-pandemia, né? Chegou lá em fevereiro. E eu não sei como que foi nos seus nos outros aeroportos com vocês em Cartagena, enfim Camboja, Áustria, Benin. Cara, normalmente, a gente tem impressão, esse vai aqui em Guarulhos ou sei lá Afonso Pena é barulhento, é Aeroporto né? É uma rodoviária, só que com o avião. Cara, chegamos na Islândia. A gente desceu, né? Foi aquele primeiro impacto de ver o avião descendo num num pedaço de rocha no meio do Oceano assim aquele frioção, né? Aquele negócio vulcânico assim, tipo cara, onde a gente tá descendo meu pai? A hora que desceu assim, entramos no aeroporto a gente, cara, um silêncio, tocando música clássica.

Virginia: O aeroporto da Islândia é desse tamanho, né?

Gustavo: É um aeroporto é minúsculo, só que assim parece um museu a parada. Assim, a galera toda bem vestida, tocando música, literalmente tocando música clássica. A galera, tipo, tomando um café, lendo um livro enfim. Eu, né? Tenho esse sangue italiano que eu falo pelos cotovelos e falo alto. Juro, eu tinha que falar nesse tom de voz pra ninguém me olhar e me achar o diferentão, porque a galera todo mundo falando baixinho, eu olhei para a cara da minha esposa assim falei: meu se o aeroporto que é para ser um lugar tenso já tá esse silêncio, se imagina o resto. Foi um choque!

Ester: E aí você já vê como tipo em detalhes tão tão assim que na nossa rotina a gente não percebe, mas a cultura ela está inserida é tipo, cara, ele não detalhes, né? Nossa no jeito das pessoas se comportarem, né?

Caio: tem aquela história que você tem uma personalidade para cada idioma, né lá na lá na Áustria. Eu fiz voluntariado na Áustria, só que era bem na fronteira com a

Alemanha, então a maioria das pessoas que moravam e trabalhavam lá eram alemães. Então vira e mexe eu vou falar que os alemães tal porque a maioria das pessoas que eu entrava em contato lá era um alemão. Só que além de alemães e austríacos lá tinham outros brasileiros e tinham outros latinos. Então eu ouvia basicamente cinco idiomas todo dia: é português, inglês, espanhol, alemão e russo.

Interação cruzada: Uma salada, bem tranquilo, tranquilo, Relaxa Babilônia. A gente reclamando, e ele lá lidando com cinco idiomas.

Caio: E eu ouvia os cinco idiomas todo dia, todo dia eu ouvia os cinco idiomas. E aí engraçado porque um idioma puxa o outro. Eu sair do Brasil com o inglês eu achava que o meu inglês era intermediário assim, eu sabia falar assim, só que não tem aquela segurança. Quando a gente tava no Brasil que a gente nunca saiu assim por um lugar que fala inglês. A gente não tem aquela segurança. Só que aí eu cheguei na eu cheguei na Áustria, né? E aí o pessoal falava alemão, eu falei meu deus o que que é isso não tá fazendo nada. Zer, o zero e aí, fala um alemão alemão alemão, aí quando começaram a falar inglês falei Ufa, tô entendendo alguma coisa então por causa do Alemão quando eu comecei a aprender alemão o inglês se tornou muito mais confortável para mim por causa da oposição, pode exatamente comparar. Então por causa do Alemão, o inglês eu fiquei muito mais seguro no inglês, porque o inglês se tornou um pouquinho confortável. E eu vi que um idioma vai puxando o outro, você vai aprendendo as coisas.

Gustavo: E aí né na Islândia eles falam islandês.

Interação cruzada: É escandinava a cultura, não eu? Não sei. É Viking Total as letras diferentes, então não entra em si, mas o acento né? Tem e tem letra diferente então assim.

Gustavo: Acentuação diferente, letra diferente. Só que o que aconteceu lá na Islândia todo mundo fala inglês, é segunda língua deles lá, então assim não tem. Só que quando eu conversava com a galera os próprios islandeses me cobravam. Falavam assim, ei, como é que tá o islandês? Como é que tá o islandês? E eu ficava naquela né? Tipo? Ai caramba velho, até hoje eu não aprendi a irlandês ainda até hoje porque

imagina, cheguei lá para aprender o idioma. Só que a hora que eu cheguei lá para conversar com pessoas, fechou tudo por causa da pandemia. Pra Você ter uma ideia do irlandês, não existe duolingo, não existe no babbel, não existe o islandês nesses aplicativos. Tem que ter um aplicativo específico para você aprender Islandês, que é uma língua muito muito difícil de um tronco germânico, né? Só 360.000 pessoas no mundo falam islandês, que é a população da Islândia, então é um idioma minúsculo e que até hoje eu tô na luta para aprender ele.

Interação cruzada: Tô curiosa com esse som, o que soa, é tipo um russo?

Gustavo: Soa tipo um Sueco, um dinamarquês.

Virginia: Tem uma frase para soltar pra gente aí?

Gustavo: Ah, por exemplo quando você fala tudo tá tudo ok, tá ok, fala: Það er í lagi. O não é Yau, o sim é Ney. Azul em alemão é blau, irlandês é blaur. Então tem uma linha germânica.

Virginia: É e para mim o momento que eu senti isso de tipo, falei uma coisa e fui compreendida veio mais um segundo ano, né? Então ali eu já tinha um pouco mais essa malemolência do idioma e conseguia soltar algumas frases, mas caía nesse lugar de não ter muita certeza sobre o que a pessoa estava me respondendo, que é o perigo. Porque daí eu concordava com coisas que talvez eu não devesse estar concordando. E é muito comum, não sei como era na cultura de vocês, mas é muito comum as pessoas oferecerem comida. Já na cultura brasileira, a gente sabe que negar, quando alguém te oferece comida em determinados ambientes, em determinados momentos, pode soar meio rude. Lá muito mais assim, então eu com certeza comia alguma coisa de assim uma procedência duvidosa, algo que eu talvez não comeria, né? Se eu tivesse a escolha assim, mas aí eu queria saber pra você. Qual foi a interação de vocês ali com alimentação mais tradicional do país mesmo e tem uma dúvida já né? Tem como passar perrengue com alimentação na Europa aí pros europeus do grupo.

Gustavo: Quando a gente foi para a Islândia, como é uma ilha lá do lado da Groenlândia isolada na minha cabeça. Era tudo muito assim, cara. Não vai ter nada, não vai ter nada, então não vai ter nada, vai chegar lá e sei lá que vai ter que comer

foca, vai ter que comer sei lá, né? Só que não, por eles não são eles onde eu não pertence à União Europeia. Mas eles têm um acordo comercial que é o Shang Nery. É que eles fazem alguma coisa, então tudo cara não falta absolutamente nada, só que é tudo muito caro, porque é tudo importado é tudo pintado. Chega de barco. Chega ele navio lá e tudo mais e dos alimentos típicos da Islândia. Eu comi um negócio muito louco que é: Carne de Tubarão podre. É uma história muito louca. Você quer conhecer um povo, conheça a sua comida. Porque você, conhecendo a comida, você conhece aquele povo. A Islândia é desde o ano 900 e pouco quando os Vikings sai, lá pelo ano mil e pou deu uma mini era glacial e eles não conseguiam produzir nada, já não produz nada porque a terra não é muito fértil. Então eles tinham ovelhas, mas todo mundo morreu, ele só conseguiu viver da Pesca, só que eles conseguiram pescar era tubarão. A carne de tubarão é tóxica, você não pode ser peixe de pescar a caixa de tubarão e comer ela até é lotado de toxinas. Eu não sabia disso. E o que os vikings fizeram? Eles pescavam tubarão, deixava tubarão enterrado lá uns 8 meses curtindo, depois eles tiravam esse tubarão, pendurava num celeiro e deixava curtindo mais uns três meses para poder comer com a carne de tubarão sem a toxinas, para não morrer. Só que a carne apodreceu e hoje virou uma iguaria. Hoje você paga caro para você comer o negócio lá, porque obviamente hoje eles não passam mais fome, é um país de primeiro mundo tudo mais. Só que aí eu fui tipo no Mercado lá de Reykjavik, que é a capital e o cara tava fazendo propaganda. Tipo assim, ele viu que era gringo. Ele olhou pra minha cara, sabia que eu não era de lá, e perguntou: você conhece a carne de tubarão podre? Ele contou toda essa história que eu tô contando para você lá, com orgulho sabe? Tipo assim, mano, a gente sobreviveu a isso tá ligado comendo tubarão podre e não, óbvio que não ia negar o cara tava ali oferecendo cara.

Juliana: Qual o gosto?

Gustavo: Horrível, eu comi um quadradinho pequenininho assim, eh, sei lá do tamanho de... cara. Eu passei mal o dia inteiro, isso que eu mandei depois Coca.

Juliana: Gosto de podre mesmo?

Gustavo: Podre, podre, rançosa assim um negócio muito louco. E hoje você vai lá você vai pagar caro para comer um negócio desses tá ligado? Só que é muito da hora que pela comida, você conhece um pouco da história do povo, né?

Caio: O nosso paladar é extremamente cultural, né? Eu lembro que antes de eu ir para a Áustria eu tava no Chade e a gente encontrou um casal Alemão, no Chade. E eu tava com um amigo meu e tinha uma família. Um casal e uma criança. Ai um amigo meu, pra ser simpático com a criança, ele foi oferecer uma paçoquinha que ele tinha levado. E aí a criança foi comer a paçoquinha, a criança alemã comeu e detestou a paçoca, detestou. Uma coisa que claro deve ter gente no Brasil que não gosta.

Interação cruzada: Que ultraje, um pecado não gostar. Deve ser muito doce pra ela.

Caio: Eu também gosto bastante e a criança alemã odiou. As coisas que eu comia eram coisas mais simples, coisas que a gente até tem no Brasil. Mas é que em quantidade diferente. Costumava dizer que era trindade da comida, lá onde a gente tava, que era macarrão, pão e batata. Macarrão, pão e batata, era sempre isso, era tipo o arroz e feijão dos alemães e dos austríacos. Então assim são coisas que a gente come no Brasil, só que não são coisas que a gente come toda hora, o tempo todo. Pão de manhã, pão no almoço, pão na janta. Tem vários tipos de pães, muito mais que no Brasil, pães gostosos, só que a gente tá muito acostumado com arroz e feijão, né com essa com essa base alimentar. Era muito complicado assim porque às vezes a comida era só o macarrão, então o macarrão no Brasil é tipo o básico. Não é nem a mistura, macarrão é macarrão, né? Tem arroz, feijão, macarrão e alguma carne assim, alguma coisa diferente. Lá o almoço era macarrão e acabou. Passar um ano lá foi complicado. Eu lembro que um dia, eu trabalhava na cozinha desse Colégio, eu era auxiliar de cozinha e a minha chefe era alemã e a vice era russa, ou do Uzbequistão, mas ela falava russo. E ela cozinhava muito bem. Ela já tinha conhecido alguns brasileiros, e ela falou assim: Eu sei que vocês tão com saudade da comida de vocês, então semana que vem vou fazer um feijão pra vocês. A gente já tinha comido feijão, mas é totalmente diferente, feijão enlatado, meio verde assim. Quando ela falou não botei muito crédito,

uma russa fazendo feijão. Vai fazer o feijão daqui. Chegou no dia, ela fez um feijão exatamente igual o brasileiro, eu não sei como ela aprendeu isso, a russa fazendo feijão.

Interação: Tu chorou, Caio.

Caio: Eu não tô brincando, eu quase chorei mesmo. Quase chorei, eu tava acho que há quatro meses, eu tava 4 meses sem comer feijão assim do Brasil e eu gosto muito de feijão. E quando eu comi aquilo eu falei: meu Deus do céu, o que que é isso? Como pode uma mulher russa fazer um feijão tão brasileiro assim? Quando eu comi esse feijão eu fiquei felicíssimo, quase chorei.

Virginia: Ester, eu queria que você contasse um pouquinho pra gente como foi ter uma segunda rodada de saque saque no Benin, o Gustavo passou pelo treinamento da AFM, o Gustavo sabe que eu tô falando.

Juliana: Eu não tô ligada. Isso aí, o que é?

Virginia: É uma farinha de mandioca, tipo é isso, né? Não sei Gustavo é isso!?

Gustavo: É horrível, horrível.

Ester: Imagina aí se vocês quiserem um um um fazer um dia para ter essa experiência. Se você pegar a farinha de tapioca e cozinhar com água, cozinhar mesmo, vai ficar uma gosma assim, não sei explicar exatamente. Sem açúcar, sem sal, sem nada, uma gosma. Dá pra comer com colher, normal assim.

Juliana: Mas não tem nenhum acompanhamento então?

Virgínia: Eu não sei se o Gustavo comeu com o acompanhamento, no meu treinamento pré voluntariado, a gente tinha banana da terra cozida e batata doce, deu uma ajudada só que assim enquanto tá quente dá para comer, começou a esfriar...

Juliana: Mas isso é do treinamento da AFM?

Virgínia: É, mas é a comida de vários países. No Benin eles comem saque saque.

Caio: Isso é quase uma farofa, né? Que o pessoal que falta o alho falta a cebola e falta os temperos, né? Então a gente pegou isso aí coloca, alho e cebola que tá uma farofa.

Virginia: Pensa numa amoeba, a gente tá falando dessa textura.

Ester: Não é uma farofa, a tapioca é acho que o elemento no nosso país mais próximo do que seria o tal do saque saque.

Gustavo: Sabe o maniçoba? A gosma da mandioca? É tipo isso.

Juliana: Sem sal, sem nada, tem que comer no seco?

Ester: Não que essa seja comida base lá do Benin, não é. Mas é meio parecido assim porque lá a refeição sempre vai ser um alimento base, por exemplo a polenta, lá eles chamam de Apati, que é como se fosse a massa, né? A polenta ali, só que sendo de novo sem sal, sem açúcar. Sal, açúcar, óleo, esses elementos são de luxo assim, então você tem que ter uma condição melhor para poder estar adquirindo. Ou senão o arroz com feijão, só que totalmente diferente do nosso. Super normal você sentir um pouquinho de areia literal dentro da comida, pedrinhas. Assim higiene, né, não é no mesmo padrão brasileiro, então é normal você comprar arroz, por exemplo, encontrar britas ali no meio do arroz.

Daí eles comem esse alimento base com algum molho, então lá você vai encontrar todo tipo de molho, desde o molho de tomate. Que nós conhecemos aqui mais tradicional, até molho de pasta de amendoim salgado e que é muito bom por sinal. Só que muita apimentado então a pimenta lá reina, né? Você vai no mercado assim é um corredor de 200 m só com pimenta de um lado e do outro vendendo, sabe? Então assim é aqueles mercadorias mesmo. Então assim molho super apimentado quando eu cheguei a minha primeira refeição assim tradicionalzona mesmo assim foi no primeiro dia que eu cheguei no projeto, tinha um um arroz com feijão mas assim totalmente seco e tinha esse tal do molho de tomate. Só que super apimentado. Aquele arroz e feijão estava num nível acima intragável que eu precisei do molho apimentado, eu não sei como que eu consegui comer pra ser bem sincera com vocês. Eu sei que quando eu terminei de comer tinha uma bacia de laranja, eu acho que foi enviada por um anjo, só sei que eu peguei cinco e comi pra tentar tirar o sabor. Foi uma experiência única. A maioria das pessoas vão fazer só uma refeição ao dia. Que é justamente essa base, a polentona assim um molho por cima e é aquela refeição no dia. Algumas pessoas têm o privilégio

de tomar um café da manhã que na verdade não é bem o café da manhã. Eles fazem como se fosse um mingau, com algumas farinhas que existem lá. Tem a farinha de baobá, tem algumas farinha de milho é muito comum. Então eles fazem como se fosse polenta. Só que mais líquida e eles tomam aquilo no café da manhã, só que é sem açúcar. Imagina aí tomar um mingau sem açúcar, é estranho ao paladar brasileiro é estranho. Mas tem várias comidas típicas lá que são muito legais, são muito boas, então a gente vai ter aí o Num pilê, que é maravilhoso. Eles cozinham o inhame, depois faz ali no pilão e fica simplesmente divino. A minha comida preferida africana lá do Benim. Normalmente eles comem com molho de pasta de amendoim salgado. Então é muito muito bom. Eu adoro e tem outras outras comidas também tem o Vanzu, o Vanzu ele tem um sabor entre o feijão e o grão de bico, pensa aí nessas duas coisas misturadas é muito saboroso também eu adorava.

E de comidas assim parecidas com o que a gente tem é tudo importado. Então é muito caro. O salário mínimo lá para vocês terem ideia é tipo R\$400 e numa família de 9, 10 pessoas, um vai receber esse valor para sustentar todos. Então, é impossível, sabe, consumir produtos importados. Vai ser comida local mesmo que vem das plantações, todo milímetro de terra ao redor da casa é usado para plantar e para o alimento, o que sobra da plantação, eles levam para o mercadão, vendem para outras pessoas, troca por outros produtos. O acesso a comidas que a gente conhece é bem limitado.

Juliana: Sabe que tu tava falando Ester, e aí tu comentou as procedências, né as procedências dos alimentos e eu passei muito isso na Colômbia. Porque eu fui entender também quando eu voltei, aí eu fui atrás de saber porque que no Brasil as coisas são assim, descobri que é a Anvisa na verdade que é a Anvisa que é ligado ao SUS, tá tudo ligado. E aí, eu fui entender mais do nosso país quando eu voltei e o quanto que é bom na verdade várias políticas públicas que a gente tem no Brasil com relação a isso, a higiene e tudo. Porque eu passei perrengue, tu fez a pergunta perrengue de alimentação. E cara não foi de alimentação especificamente, meio que tudo assim, é eu tive um problema na Colômbia desde do dia 1, com relação à água.

Então não era só água para beber, era a água que vai em todos os tipos de comida, que é vou no restaurante, eu vou fazer comida em casa. Eu tive um problema de família, tive que trocar a casa de família que eu estava morando. E a primeira casa, eles não filtravam, nem ferviam a água e aí eu passei muito mal. Eu descobri depois que eles tinham que filtrar e ferver a água na segunda casa que eu morei que eles filtravam e ferviam, por conta disso. Porque tem vários protocolos no Brasil de tratamento de água. É um choque muito grande quando tu vai para um lugar que não tem. E aí tudo muda teu organismo muda. Então eu posso ser sincera assim, direta sincera que tive piriri os dois meses que fiquei lá, fiquei com piriri. Porque o corpo estava muito realmente desacostumado com aquilo, mas vocês estão comentando com relação a isso, tive que ir para o hospital. Mas é interessante a gente falar também sobre a experiências de precisar de atendimento de saúde num outro país e o choque que dá isso, a vontade que tu tem de voltar para casa e sair correndo e falar meu Deus do céu, né? Eu quero ir pro colo da minha mãe, não quero mais aqui, né? Porque dá desespero assim e para não ser injusta, as comidas na Colômbia são muito boas e são muito parecidas com a gente. Acho que o Brasil tem um fundamento cultural muito africano, de herança escravocrata mesmo, e é assim na América Latina inteira. Então a gente tem coisas muito parecidas tanto na cultura, dança, música, expressão quanto na comida. Eu não sabia, pelo menos quando eu cheguei lá, eles usam muita farinha de milho. Então era arepas. Arepas amor da minha vida, meu Deus. Saudades comer arepas todo dia, café da manhã. Mas sobre esses perrengues é isso, é suco vendido no sol de 40 de 30 graus e tá ali, ninguém vai bater ali uma fiscalização e falar: Ô meu lindo, você não pode vender um suco aqui pegando um sol o dia inteiro, vai dar uma desinteria. Ninguém faz isso, né? Tipo um frango vendido fora da refrigeração, na calçada.

Gustavo: Vocês estavam falando de água, olha, como que é contraste, né. Na Islândia água do rio, de qualquer rio, é a água mais pura do mundo. Então a gente enchia a garrafinha de água, isso é a gente explorando assim, os lugares e tinha um riozinho ali, você pegava a sua garrafinha d'água, colocava no riozinho e bebia.

Virginia: A água Voss é da Islândia?

Gustavo: É da Noruega, a Voss é da Noruega, mas assim tá ali, né? E aí esse esquema aí de comida de rua, na Mongólia, cara. É que eu gosto do perigo, onde eu vou eu.

Virginia: O Gustavo gosta do X coxinha de Curitiba.

Gustavo: Não cara de qualquer lugar do mundo, e lá na Mongólia, quando eu fui eu lembro que eu tomei Leite de égua. Qual é o negócio na Mongólia eles tipo, eles também não plantam nada, é um terreno extremamente infértil, eles estão logo abaixo ali da Sibéria. Enfim, o negócio é muito louco e lá eles têm muito cordeiro, muita ovelha, muito cordeiro e cavalo é basicamente o que eles têm. É uma cultura muito nova, né muito eles são nômades, eles têm as Ger que são as tendas deles, que eles têm a casinha deles lá na capital, mas no fundo do quintal deles tem a ger, tem a tenda lá e lá eles tem uma coisa cultural, esse Leite de égua que eles tomam. Os mais pobres, que não tem dinheiro para comprar bebida alcoólica, assim eles chapam de Leite de égua porque é extremamente fermentado, é extremamente fermentado. Pensa num leite azedo, coalhado, multiplica isso por mil. É o leite de égua. E aí a gente ia para o nosso canteiro de obra todo dia a pé, e cara lá pelas 6 horas da manhã parava uma van na calçada na frente do prédio que a gente tava, ele abria um carro com umas garrafas PET usada de Coca, Fanta e tudo mais um Tonel de Leite de égua dentro de uma negócio, ele enchendo assim com um funil e vendia para a galera dois litrão assim. Aí eu falei pelos Brothers assim, cara, eu quero tomar desse daqui eu não quero Leite de égua do mercadinho, do negócio gourmet. A gente comprou e a gente tomou. Consegui filmar, mas eu não consegui tomar tipo dois goles, o negócio é extremamente horrível, forte, azedo assim do negócio que gravou. Ó, que coisa louca mas provei a parada da rua. Não fiquei tipo. Ah e quando eu fui pra China e deu não deu Piriri, mas o estômago ele é moldado com comida de rua. Então assim pô e na China que é e pra Mongólia. A gente passou pela China, eu comi um escorpiãozinho frito também passado ali na no tacho uma delícia também assim parece Cheetos, fica a dica.

Virginia: Grilo, eu comi grilo no Camboja, muito bom também.

Caio: A Juliana estava falando de que ela passou a valorizar, né? O Brasil, né? O a questão da Anvisa. Isso é real, né? Quando a gente tá no Brasil quando a gente nunca saiu do Brasil, a gente tem muito senso comum sobre o que o Brasil é ruim e tal que tudo no Brasil, não presta. Quando você sai do Brasil você passa a ter noção realmente de coisas que prestam e que não prestam do Brasil na volta, e coisas que você nem faz ideia que era que são boas no Brasil e quando você vai para fora, você percebe. Ela fala da Anvisa e onde eu estava trabalhando tinha algumas situações um pouco perigosas em questão de segurança do trabalho. E aí eu lembrei que as regras de segurança do trabalho no Brasil são bem mais rígidas, são bem mais respeitadas. Tem algumas leis que não são respeitadas, mas questão de segurança do trabalho, de vigilância sanitária como a Juliana falou, são sim respeitadas no Brasil, mais do que lá inclusive. A Áustria é um país entre aspas de primeiro mundo, então a gente espera que tudo seja melhor do que no Brasil, mas não é assim que funciona, tem várias coisas que o Brasil é muito melhor. Coisas objetivas e coisas subjetivas. Quando a gente fala de subjetividade aqui de sentimento, de onde é melhor, eu posso ficar o dia inteiro defendendo o Brasil. Mas em questão não objetivas também, eu também passei mal, todo mundo ficou doente em outro país. É de lei que todo mundo fica doente. Eu tenho asma tal, eu cheguei no final do Outono, chegando no inverno assim, então deu umas duas semanas. Eu fiquei bastante bastante doente em questão respiratória assim, né? E aí eu fui para o hospital, só que eu não tem hospital assim lá Pronto Socorro, eu tive que ir para uma doutor particular que é um doutor que atende em casa.

Gustavo: Lá não tem SUS então?

Caio: Não tem, tem um sistema que é universal, cobre quase todo mundo que trabalha e você precisa ter registro austríaco, eu acho então eu não tenho certeza, mas eu eu posso estar falando algo errado aqui, mas pelo que eu entendi você precisa, para você ter acesso ao entre aspas SUS lá, você precisa trabalhar, se você pagar algo como o INSS, pagar imposto e tal, então não é para todo mundo, não é universal é igual o sus.

Gustavo: Tenho que fazer um adendo, nosso SUS é muito top, velho aqui estrangeiro, estrangeiro que tá aqui no Brasil só de passagem tem direito ao SUS. Lá fora é gratuito, só que já precisou de de de pro hospital lá fora sabe exatamente o que é cara.

Caio: Eu fui nessa casa, era uma casa assim no interior e as pessoas estavam sendo atendidas lá, tinha fila no jardim do cara, entendeu? E aí eu fiquei assim, cara. A gente tá sendo atendido na casa do cara, eu fui atendido assim na varanda do cara, ele era médico.

Gustavo: O famoso Home Office, né?!

Virginia: Médicos sem fronteiras, não tem limite o escritório do cara.

Juliana: Gente falar assim, adendos a importância de se fazer para quem vai escutar o podcast, a importância de fazer seguro saúde, tem gente que não leva a sério quando vai viajar tem que ter seguro saúde. Porque assim gente é assim, ó, tu não sabe se vai quebrar um pé, tu não sabe se vai virar uma rua, tu não sabe se vai dar uma uma uma desculpa pra uma caganeira, tu não sabe o que vai acontecer é isso. E aí tu tá num outro país já vai ser um grande desafio e tu lidar com as burocracias sem ter os teus direitos, com certeza é muito pior, então assim, vamos fazer esse parênteses aqui falar sobre mudança de ter seguro saúde, não é brincadeira, entendeu? Não adianta esse Choque Cultural enquanto vai para fora do teu país, tu percebe que as coisas não funcionam como é no teu país que as pessoas como eu tô como gostava mais falou tipo, cara. Eu sou estrangeira, eles não vão me atender, não é que nem o Brasil que vem gringo para cá no no verão aqui em Floripa, super acostumado a gente vai numa UPA tá lotado de Argentino e as pessoas são atendidas igualmente tipo, né? A pessoa tá passando mal, precisa de um auxílio.

Interações cruzadas: A gente nem questiona né? Não questiona e não acho que deve ser questionado, mas tem pessoas que questionaram as outras culturas. A gente não percebe a gente. Nossa o estrangeiro também está sendo atendido e assim é só deixar natural. A gente não questiona a gente não a gente não tem nenhum pensamento. Ah, eles estão roubando no serviço da gente porque realmente eu não

acho que estejam roubando. Mas isso é um pensamento comum em vários outros países. Quando a gente vai para lá, eles acham que a gente tava é que a gente tá roubando alguma coisa, roubando serviços, roubando empregos. Isso é bastante como principalmente na Europa deles, né? E tem essa noção de que a gente tá querendo tirar proveito dele de alguma forma um negócio é porque.

Ester: É porque numa visão onde num país onde a saúde não é gratuita e você tem é um perrengue para você conseguir saúde é natural que você pense que alguém tá realmente se aproveitando de você, né? Porque você sabe o quanto você batalhou para ter aquilo ali e quando a gente está se preparando para viajar. O que a Juliana falou é muito real, porque é uma tentação você acha assim? Ah, não eu vou ficar um ano, ali eu não vou ficar doente e tal. Só que não quer gastar esse dinheiro. Sei lá exato, só que você esquece que você vai estar exposto a situações que no seu país você não está exposto então, por exemplo no Benin, o malária normal, febre tifóide normal, eu peguei tudo tá, covid, malária, eu tive febre tifóide, combo completo então de hospital foi não completamente foi uma semana duas internações, uma de dois dias, outra de cinco dias então assim numa situação de pelo esparadrapo. Você tem que pagar então assim é uma outra realidade. Então é isso que a Juliana falou é muito real, não ignore isso, não ignore.

Juliana: Todas as viagens, né de não somente intercâmbio, né de longa duração. Enfim é importante assim e eu digo para vocês que assim eu tinha eu tinha seguro de saúde, mas tudo mesmo fazendo um seguro saúde, tu tem que lidar com a realidade do país. Qual é a realidade? E do país então eu lembro que quando eu eu eu passei muito mal e aí eu tava nessa segunda família que era super atenciosa, eu falo com eles até hoje. Inclusive são os amores da vida assim que como é bom a gente encontrar pessoas boas no meio do caminho intercâmbio, eu tenho certeza que todo mundo tem histórias maravilhosas com relação a isso é mas eu na hora que eu tava indo pro hospital. O meu pai colombiano bateu o carro e aí eu tava junto com a com a Estela, era ela era assim, ela era uma mulher que ela cuidava da casa, ela era meio babá meio meio faxineira ela era um pouco de tudo assim e ela tava me

acompanhando. Nossa, ela ficava em casa. Então eu passava muito tempo com ela e ela desceu comigo no hospital. Quando eu entrei no hospital, eu descobri que o bagulho era muito pesado assim, porque era fila separadas de pessoas que vão pagar pelo menos uma parte do atendimento privado, que era o meu caso porque no caso eu tinha seguro, pessoas que é totalmente público, e eu ainda fui em um hospital que é só privado e tava o caos. Só consegui atendimento e aí como é é louco parar para pensar na formação de todos os países da América Latina enquanto a gente compartilha de uma história muito parecida que a corrupção é muito grande e em muitas camadas. Então eu só fui atendida porque a Estela a filha da Estela, essa mulher que me acompanhou um amor da vida assim um anjo naquele momento a filha da Estela era amiga de uma enfermeira do hospital. Ela passou, cruzou viu a Estela na sala de espera assim falou, ué, e aí a Estela foi conversar com ela falou olha aqui. Tô olhando aqui tá tá? E aí eu entrei eu meio que furei a fila de todo mundo assim e entrei e aí eu lembro que eu fiquei muito mal, falei gente tem tem tem gente que tá 5 horas ali esperando. Como assim eu furei a fila e aí se ela virou para mim e falou assim, ó, eu não sei comer no teu país, mas aqui tu só aceitou o atendimento porque eles vão te dar agora e aí eu me arrepio pessoas lembrarem aí cara, imagina eu tava passando mal tu fica. Tá beleza? Vou aceitar né, mas é muito louco isso tu parar para pensar o quanto que as estruturas são. Desde o mínimo do atendimento mínimo ao máximo é arranjado uma seta tem uma estrutura de corrupção por dentro de um hospital assim sabe é uma coisa assim, né? Eu fui corrupta nesse lugar e depois Cortei a fila e foi atendida, né? E o quanto que nesse lugar funciona dessa forma e o quanto que a gente também é sendo estrangeiro, tem que muitas vezes ficar quieto e aceitar Cara. Essa é a cultura. Essa é a maneira que é lidado naquele momento é por mais indigno e antiético e aquela me martirizei por muito tempo depois por causa disso é isso, né? Acho que todo mundo aqui que passou mal, sabe os momentos vulneráveis, eles são transformadores pra ti como pessoa, né? Tu estar em em um outro lugar em outro lugar é mil kms de distância da tua família, do país, da tua cultura, e tu passar por isso necessitar de ajuda

de uma pessoa que talvez nem tenha outra língua, nem então assim é realmente a experiência da saúde no intercâmbio.

Virginia: E eu eu assim eu peguei convite também no Camboja foi a primeira vez que eu peguei o covid é e tive um acidente de moto.

Caio: Todo mundo pegou covid lá fora?

Juliana: Não, a gente tinha voltado.

Virginia: O Gustavo e a Mari, não né?

Gustavo: Ainda não ainda cara muito louco porque a Islândia fechou a fronteira dela que só tem um aeroporto no na ilha a gente vivia lá dentro no universo paralelo, todo mundo sem máscara andando na rua umas coisas muito loucas e a galera ouvindo pelos Stories a galera tipo no mundo inteiro aquele caos.

Juliana: Controlou as 300 mil pessoas e deu.

Virginia: O governo da Islândia dando grana para a galera da rolê.

Gustavo: Isso eles estavam incentivando. Eles falam assim, eles davam o dinheiro para todas as pessoas, só vai visitar o país.

Juliana: mentira.

Gustavo: Aham. Porque o país ele é ele é a economia da Islândia. É 60 70% é turismo fechou a fronteira não tinha turista a uma galera começou a perder emprego aí o governo injetou o dinheiro para a população própria população fomentar o turismo no país então. Foi assim, foi uma coisa muito loca. A gente foi pegar a covid quando a gente voltou pro Brasil.

Virginia: Eu bom, enfim, né? Peguei covid e tive um acidente de moto lá e assim me ralei toda roxa e tal. E a minha amiga cambojana desesperada, “não vamos fazer um raio-x” e eu já tinha ido no hospital. Eu já tinha visto qual que era a condição do país nesse contexto, naquele Hospital, né com a estrutura do negócio assim e aí eu falei cara, não precisa, eu prefiro ficar sozinha, porque eu sei que assim se tivesse quebrado algo mesmo, né? Eu estaria sentindo um nível, né? Não ia estar andando como eu tô então assim prefiro não me expor que talvez né? Estaria me expondo algo muito pior. Uma noite eu dormi com uma senhora que estava doente, não tinha

acompanhante. Cara de ter dormido no chão no hospital com a mulher, eu acordei no outro dia doente tipo febre, com dor no corpo. Tipo meio que se sentindo gripada assim.

Juliana: também entra a Anvisa, o negócio da higiene do hospital mesmo, já é uma questão que você discutir também.

Virginia: Com certeza, aqui se cada um de nós pudesse compartilhar as experiências e histórias a gente passaria horas conversando. E é por isso que eu quero convidar você que está nos ouvindo, para que continue acompanhando o Entre Fronteiras nos próximos capítulos.

[Vinheta]

[Ficha técnica]

Esta reportagem é o Trabalho de Conclusão de Curso da aluna Virginia da Silva Witte. Apresentado na graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina no primeiro semestre de 2024.

Locução: Virginia Witte

Produção, roteiro e edição: Virginia Witte

Edição da vinheta: Leandro Becerra e Lorrane Oliveira

Participação: Juliana Ferrari, Gustavo Ferelli, Ester Rocha e Caio Godoi

Assessoria técnica: Roque Bezerra e Peter Lobo

Orientação: professora Melina Ayres

ANEXO A - Ficha do TCC

FICHA DO TCC	Trabalho de Conclusão de Curso - JORNALISMO UFSC		
ANO	2024		
ALUNO	Virginia da Silva Witte		
TÍTULO	Entre fronteiras: o Camboja a partir do voluntariado		
ORIENTADOR	Profa. Dra. Melina Ayres		
MÍDIA	☐	Impresso	
	☐	Rádio	
	☐	TV/Vídeo	
	☐	Foto	
	☐	Website	
	☐	Multimídia	
CATEGORIA	☐	Pesquisa Científica	
	☐	Produto Comunicacional	
	☐	Produto Institucional (assessoria de imprensa)	
	☐	Produto Jornalístico (inteiro)	Local da apuração:
	☐	() Reportagem livro-reportagem	() Florianópolis () Brasil () Santa Catarina () Internacional () Região Sul (x) País: Camboja
ÁREAS	Jornalismo; grande reportagem em áudio; cultura; voluntariado;		

	Camboja; Trabalho de Conclusão de Curso.
RESUMO	Este Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo produzir uma série em áudio intitulada <i>Entre fronteiras</i>. Para este trabalho foram produzidos dois episódios da temporada <i>Vivi no Camboja</i>, que explora o voluntariado no país asiático. O primeiro episódio apresenta diversos aspectos da história, geografia e características culturais do país; aborda, igualmente, as demandas da comunidade, desafios do dia-a-dia e algumas iniciativas dos voluntários. O segundo episódio é em formato de uma mesa redonda com outros quatro brasileiros que trabalharam como voluntários em diferentes países, conversando sobre saúde, alimentação, idioma e adaptação à cultura. Nas produções são acionados documentos, informações históricas, fontes locais, voluntários brasileiros e estrangeiros; em especial, ressalta a experiência pessoal da repórter como mulher, cristã, negra, ao viver um ano e meio trabalhando como professora voluntária no Camboja.

ANEXO B - Declaração de autoria e originalidade**DECLARAÇÃO DE AUTORIA E ORIGINALIDADE**

Eu, Virginia da Silva Witte, aluna regularmente matriculada no Curso de Jornalismo da UFSC (JOR/CCE/UFSC), matrícula 17201237 declaro para os devidos fins que o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “Entre Fronteiras: o Camboja a partir do voluntariado” é de MINHA AUTORIA e NÃO CONTÉM PLÁGIO.

Estou CIENTE de que em casos de trabalhos autorais em que houver suspeita de plágio será atribuída a nota 0,0 (zero) e que, adicionalmente, conforme orientação da Ouvidoria e da Pró-Reitoria de Graduação (Prograd), “em caso de suspeita ou verificação de plágio, o professor deverá notificar o Departamento no qual está lotado para as providências cabíveis”.

Autorizo a publicação do TCC no Repositório Digital da UFSC.

Florianópolis, 04 de julho de 2024.

Assinatura da aluna